

VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA EM TEXTOS DE ESPECIALIDADE - O CASO DO VIH / SIDA

Iracema Maia

Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da
Informação de Especialidade

MARÇO, 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade, realizada sob a orientação científica de

Prof. Doutora Rute Costa

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa,

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

Agradecimentos

À Prof. Doutora Rute Costa pela gentileza em aceitar prontamente orientar a presente dissertação e pelos magníficos ensinamentos de ciência e de vida.

À Professora Doutora Maria Teresa Lino pelas lições de terminologia, de lexicologia e de lexicografia.

À Prof. Doutora Maria Francisca Xavier e à Prof. Doutora Ana Maria Madeira pela crença absoluta no meu potencial científico.

À Dra. Raquel Alves Silva por me ter indicado o caminho certo em direção à terminologia, à lexicologia, à lexicografia e à linguística.

À Dra. Susana Martins e ao Dr. Sérgio Barros que, para além da amizade, se demonstraram invariavelmente receptivos para debater questões de ordem linguística e terminológica.

À Dra. Rita Resende, ao Dr. Carlos Sousa Colaço e ao Dr. João Paulo da Silva Sacramento que, não obstante a grande amizade, estiveram sistematicamente disponíveis quer para me transmitir conhecimento, quer para me elucidar em termos de questões do domínio das ciências da saúde.

Ao Prof. Doutor Marc Gruas que, para além de ser um amigo, se mostrou invariavelmente um apoiante incondicional do meu progresso académico.

Aos meus colegas do mestrado em terminologia e gestão da informação de especialidade.

Aos meus amigos Fernanda Câmara, Glória Ventura, Júlia Heymès, Paula Costa, Júlio Santos, Manuel Euclides Rosa e Rogério Puga que, ainda que em circunstâncias distintas, me confortaram com as palavras certas.

À memória de Otilia de Matos Vilarigues.

Aos meus pais.

Resumo

Varição terminológica em textos de especialidade – O caso do VIH / sida

Iracema Maia

PALAVRAS – CHAVE: Variação terminológica, variação terminológica formal, variações terminológicas formais lexicais

Tendo como pano de fundo a problemática de que a terminologia da terapêutica anti-retrovírica (TAR) no âmbito do domínio da infecção VIH / sida pressupõe opacidade, a presente dissertação formulou a hipótese de que a terminologia da TAR empregue pelos especialistas é objecto de variação terminológica. Assim, a presente dissertação propôs-se apresentar uma tipologia de variação terminológica formal com o intuito de descrever as variações terminológicas formais lexicais produzidas no discurso de especialidade e nos textos de especialidade com base num corpus de especialidade inscrito na área de especialidade da terapêutica anti-retrovírica no âmbito da infecção VIH / sida. Posteriormente, o presente estudo fundamenta-se teórica e metodologicamente em alguns pressupostos da socioterminologia e da terminologia textual, pelo que se considera um estudo terminológico empírico e descritivo. Destarte, os dados terminológicos provêm do corpus denominado Corpus Textual TAR. Numa primeira instância, a constituição do Corpus Textual TAR trata-se do resultado de uma observação socioterminológica dos textos de especialidade. E, numa última instância, resume-se ao produto de uma prática metodológica textual aplicada à terminologia que, por sua vez, se traduziu na extracção semiautomática, com auxílio do programa CONCAPP, das 34283 unidades terminológicas que compreendem o corpus. Ulteriormente, procedemos a uma resenha teórica subordinada ao estudo da variação em terminologia, tendo inferido que presentemente é passível de abordagens e de descrições heterogéneas. Com vista a posicionar teoricamente a presente dissertação nos estudos de variação em terminologia, avançámos com uma proposta de tipologia de variação terminológica formal que reflecte a visão teórica de que a variação é um fenómeno terminológico que coloca lado a lado duas unidades terminológicas que ainda que partilhem o mesmo referente, distanciam-se denominativamente sendo que uma delas constitui uma metamorfose formal da unidade terminológica que a precede. Assim, de modo a analisar a variação terminológica formal seleccionámos 21 unidades terminológicas de acordo com critérios extralinguísticos e linguísticos, as quais foram circunscritas ao contexto de ocorrência textual. Consequentemente, identificámos 42 casos de variação terminológica formal. Dentro destes casos, observámos que os mais ocorrentes eram os do subtipo de variação terminológica formal lexical. Por isso, avançámos com uma proposta de tipologia de categorias de análise de variações terminológicas formais lexicais. Esta proposta de análise permitiu-nos organizar os resultados em consonância com os subtipos de variação terminológica formal ocorrentes no corpus textual TAR. Por sua vez, os subtipos ocorrentes foram objecto de descrição linguística e terminológica.

Resumé

Variation terminologique en textes de spécialité – Le cas du VIH / Sida

Iracema Maia

MOTS-CLÉS: variation terminologique, variation terminologique formelle, variations terminologiques formelles lexicales

En ayant comme présupposition le fait que la terminologie du traitement antirétroviral de l'infection à VIH / sida peut donner lieu à l'opacité, nous avons fait l'hypothèse sur probabilité que cette terminologie ci, fait objet de variation terminologique lors de son emploi chez les spécialistes. Ainsi, nous avons proposé une typologie de variation terminologique formelle dans le but de décrire les variations formelles lexicales produites à l'intérieur du discours de spécialité et des textes de spécialité basés dans un corpus de spécialité inscrite dans la spécialité du traitement antirétroviral dans le cadre de l'infection à VIH / sida. Après, la présente étude s'inscrit théoriquement et méthodologiquement dans quelques présupposés de la socioterminologie et de la terminologie textuelle, ce qui signifie que la présente étude terminologique est censée d'être empirique et descriptive. Les données terminologiques, à analyser, ont provenance d'un corpus dénommée de Corpus Textuel TAR. Dans un premier lieu, la constitution du Corpus Textuel TAR est le résultat d'une observation socioterminologique des textes de spécialité. Dernièrement, cette constitution-ci est le produit d'une pratique méthodologique textuelle appliquée à la terminologie qui, par conséquent, s'est traduite dans la extraction semi-automatique, en recourant au logiciel CONCAPP, de 34283 unités terminologiques comprenant le corpus. Ultérieurement, nous avons fait un compte rendu théorique visant l'étude de la variation en terminologie, ce qui nous a permis de inférer que actuellement la phénomène de la variation terminologique est susceptible d'approches et de descriptions hétérogènes. Dans le cadre de trouver un positionnement théorique à l'égard de la variation terminologique, nous avons proposé une typologie de variation terminologique formelle réfléchissant l'idée que la variation terminologique concerne une phénomène qui met en relation, du moins, deux, unités terminologiques qui, d'une part, partagent le même référent, mais qui d'en autre s'éloignent en termes dénominatifs vu que l'une d'entre eux a subit de métamorphoses formelles par rapport à celle qui y précède. Ainsi, nous avons sélectionné 21 unités terminologiques selon de critères extralinguistiques et linguistiques au sein du contexte d'occurrence textuelle de façon à observer la variation terminologique formelle découlant du corpus textuel TAR. En part suite, nous avons identifié 42 cas de variation terminologique formelle, lesquels ont été objet d'observation et d'organisation selon notre typologie de sub types de variation terminologique formelle. Les cas le plus fréquents ont été ceux de la variation terminologique formelle lexical. Donc, nous avons également fait une proposition d'analyse des plusieurs catégories de variations terminologiques formelles lexicales de façon à décrire linguistiquement et terminologiquement les cas de variation les plus fréquents.

Abstract

Terminological variation in specialized texts – The case of HIV / aids

Iracema Maia

KEYWORDS: terminological variation, formal terminological variation, lexical formal terminological variation

The assumption, that HIV / AIDS anti-retroviral therapy terminology is ambiguous, led us to form the hypothesis that the same terminology is prone to terminological variation when it is used by specialists. Thus, this dissertation have proposed a formal terminological variation typology in order to describe lexical formal variations produced within the special discourse and within the special texts which compose a special corpus in the area the antiretroviral therapy for HIV / AIDS infection. Then, this study is theoretically and methodologically based in some proposals advanced by the socioterminology and the textual terminology approaches which mean that this dissertation is empirical and descriptive. Consequently, terminological data arises from a special corpus named ART Textual Corpus. In a first stage, the constitution of this corpus is a result of a socioterminological observation of the special texts which ended up in a socioterminological description of them. Finally, this corpus constitution is a consequence of a textual methodological practice applied to terminology which has enabled us to extract semi-automatically 34283 terminological units using the software CONCAPP. Afterwards, we have proceeded to a literature review on terminological variation studies. According to the prior one, we have concluded that nowadays terminological variation invokes heterogeneous approaches as well as it corresponds to heterogeneous descriptions. Therefore, we have presented a proposal of formal terminological terminology typology in the scope of building a theoretical framework meeting the purposes of this dissertation. Our theoretical framework suggests that variation is a terminological phenomenon between - at least - two terminological units which have in common the same referent although they differ in terms of denomination due to a formal metamorphosis occurred in one of them. As a result we have selected 21 terminological units according to extra linguistic and linguistic criterion in order to analyze formal terminological variation. These terminological units were organized according to their textual occurrence in context. Subsequently, we have identified 42 cases of formal terminological variation. Then, we have observed that most recurrent cases of this type of variation are the subtype of lexical formal terminological variation. Therefore, we also proposed a typology aiming the analysis of the several categories of lexical formal terminological variations. This analysis typology has allowed us to organize the referred cases according to the subtypes of lexical formal terminological variations produced in corpus. On the other hand, these subtypes of lexical formal terminological variations were subjected to a linguistic and terminological description.

INTRODUÇÃO	1
1. Constituição e institucionalização científicas da terminologia	3
2. Pós-wüsterianismo	5
3. Socioterminologia	7
4. Terminologia Textual	8
5. Justificação de enquadramento teórico e metodológico	10
CAPÍTULO II – CORPUS TEXTUAL -TAR	12
1. Abordagem empírica à terminologia	12
1.1. Corpora de especialidade	12
1.2. Textos de especialidade	13
2. Metodologia para a constituição do Corpus Textual TAR	16
2.1. Observações preliminares	16
2.2. Etapas de constituição do Corpus Textual TAR	16
2.2.1. Delimitação da área de especialidade	17
2.2.2. Selecção dos textos	18
3. Levantamento semiautomático dos dados	18
CAPÍTULO III – VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA	19
1. Percursos da variação em terminologia	19
2. Variação em terminologia na óptica da TGT	20
3. Os revisionistas wüsterianos e a variação terminológica	22
4. Modelo teórico de variação terminológica de <i>Faulstich</i>	24
5. Descrição de alguns estudos	29
6. Variação terminológica formal	34
7. Tipologia da variação terminológica formal	35

CAPÍTULO IV – OBSERVAÇÃO DA VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA FORMAL	37
1. Selecção das unidades terminológicas	37
2. Identificação dos casos de variação terminológica formal	37
CAPÍTULO V – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	43
1. Forma de apresentação das variações terminológicas formais lexicais	43
2. Descrição das variações terminológicas formais lexicais	43
2.1. Por redução	43
2.1.1. Redução por siglação	43
2.1.2. Redução da extensão	45
2.2. Por expansão	47
2.2.1. Por expansão da base	47
2.2.2. Por expansão da extensão	49
Considerações finais	51
Bibliografia	53
Anexos	60

INTRODUÇÃO

O domínio do VIH / sida, em Portugal, tem recentemente sido objecto de atenções dos demais sectores da sociedade portuguesa, nomeadamente do sector político.

Uma das medidas políticas mais proeminente é o do “Plano Nacional de Prevenção e de Controlo da Infecção VIH / sida 2007-2010” cujo objectivo é o de desenvolver uma estratégia transdisciplinar nacional para orientar e coordenar acções subordinadas à luta contra a infecção VIH / sida.

O controlo da infecção VIH / sida, entre muitos dos seus aspectos, remete-nos para a questão do tratamento das pessoas com VIH.

O tratamento da infecção VIH / sida, denominado outrossim Terapêutica Anti-Retroviral (TAR), corresponde a uma área de especialidade do domínio da infecção VIH / sida.

Por sua vez, a área de especialidade da TAR, cuja origem remonta a 1987 aquando da introdução no mercado do AZT (zidovudina), parece-nos que poder ser abordada tanto do ponto de vista da actividade socioprofissional, como de um ponto de vista científico ligado à medicina

Enquanto actividade socioprofissional, apurámos que, no caso português, ela se desenvolve num circuito envolvendo três intervenientes: o médico hospitalar, o farmacêutico hospitalar e a pessoa que vive com VIH.

Cada um dos três intervenientes, ainda que concorra para o mesmo objectivo, ou seja, o sucesso terapêutico, tem funções distintas: o médico hospitalar prescrever a TAR; o farmacêutico dispensar os fármacos da TAR; e a pessoa que vive com VIH aderir à TAR.

Quanto ao conhecimento científico, observámos ser necessário uma actualização permanente do conhecimento da TAR por parte dos intervenientes referidos de modo a obviar erros de medicação em termos de prescrição, de dispensa e de uso dos seus fármacos.

A TAR, no âmbito do domínio da infecção do VIH / sida enquanto área de especialidade é objecto de estudo da presente dissertação, sendo o objectivo observar a existência de variação terminológica no seio do discurso científico de especialidade.

De modo a verificar a hipótese formulada, propomo-nos desenvolver um estudo terminológico e linguístico baseado num corpus textual que é constituído por um conjunto de textos redigidos por especialistas em contexto de especialidade.

Posteriormente, identificámos e seleccionámos as unidades terminológicas a partir do corpus textual de modo a observar e a classificar os casos de variações terminológicas formais em texto.

Ulteriormente, descrevemos linguística e terminologicamente os demais casos de variações terminológicas formais decorrentes da terminologia da TAR afecta ao corpus textual TAR.

A presente dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos:

- No capítulo 1 fazemos uma incursão por algumas perspectivas terminológicas de modo a fundamentarmos teórica e metodologicamente o posicionamento no qual nos inscrevemos;
- No capítulo 2 não só apresentamos uma metodologia para constituição de corpora como também reflectimos sobre algumas noções de base que subjazem a constituição de corpora de especialidade;
- No capítulo 3 apresentamos várias perspectivas de abordagem ao estudo variacionista em terminologia com a finalidade de apresentar uma proposta de tipologia de variação terminológica formal;
- No capítulo 4 identificamos e classificamos os demais tipos de variações terminológicas formais que ocorrem no corpus textual TAR;
- No capítulo 5 focamo-nos no tipo de variação terminológica formal mais frequente no corpus textual TAR com o intuito de descrevê-la linguística e terminologicamente.

CAPÍTULO I - TEORIAS E METODOLOGIAS EM TERMINOLOGIA

1. Constituição e institucionalização científicas da terminologia

A consensualidade em torno da polissemia decorrente do termo terminologia é cada vez mais um lugar-comum. Por isso, não nos parece de todo inusitado partilhar da ideia de que a suscita pelos menos três sentidos distintos (Sager 1990 cf. bibliografia): o primeiro sentido remete-nos para um conjunto de termos de um determinado domínio; o segundo para um conjunto de práticas que visam descrever as unidades terminológicas e o último convoca-nos para o termo *ciência e /ou disciplina*.

Na sequência do último sentido imputado ao conceito de terminologia, ressaltam algumas questões: se para alguns teóricos a terminologia é uma ciência, para outros trata-se de uma disciplina científica.

Pretender dirimir a questão previamente exposta e emitir juízos de valor face à mesma são dois exercícios dos quais nos absteremos na presente dissertação. Todavia, convenciamos que para a presente dissertação a terminologia é uma disciplina “no seio da Linguística que estuda o comportamento das unidades terminológicas, recorrendo aos contextos e, de forma mais abrangente, aos textos em que ocorrem” (Costa 2001: 6).

Assim, podemos considerar que os princípios metodológicos da ciência terminológica são da autoria de *Wüster*, ao passo que os princípios teóricos da mesma são da autoria da escola russa, ou seja: “*Wüster* levou a cabo trabalhos dando especial relevo à organização sistemática das terminologias, incrementando a definição de postulados fundamentais para o desenvolvimento de métodos de trabalho. Porém, é na URSS, pela mão de *Lotte*, responsável do Comité de Normalização Terminológica do Instituto de Normalização do Conselho dos Ministros da URSS e membro da Academia de Ciências, que a terminologia nasce como ciência (cf. Rondeau 1983) ” (Costa 2001: 6-7).

Por outro lado, isentos da intenção de subestimar o trabalho desenvolvido pela escola russa, bem como de contemporizar outros factores, parece-nos que a disciplina terminológica constitui-se e institucionalizou-se sob a égide de *Wüster*.

Entendemos que constituição científica da terminologia “refere-se à formação e ao estatuto científico de uma disciplina científica” (Silveira 2008: 4), o que significa que a constituição científica da Terminologia deve-se a *Wüster* e à escola de Viena na medida em

que tiveram o mérito de empreender “d’immenses efforts pour la reconnaissance disciplinaire et politique de la terminologie.” (Cabré 2007: 3).

Tais esforços traduziram-se em “doter la terminologie d’une théorie qui justifierait son statut comme discipline. Cette théorie a été dénommée de, par les disciplines de Wüster, Théorie Générale de la Terminologie (TGT), afin de l’opposer à ce que Wüster appelait les théories propres à chaque spécialité” (Cabré 2007: 4).

No caso da institucionalização científica¹ da Terminologia, julgamos que este processo científico, que segundo *Silveira* (2008) tem como fundamento uma perspectiva cognitiva e uma perspectiva social, foi igualmente empreendido por *Wüster*.

Sob a perspectiva da institucionalização cognitiva, que é o momento em que uma dada ciência firmemente constituída “trabalha com a clareza das questões teóricas, epistemológicas, metodológicas e interdisciplinares” (Silveira 2008: 41), pensamos que é plausível considerar *Wüster* o mentor do presente processo científico no âmbito da terminologia, na medida em que teve êxito na corporação de pessoas que aderiram, e interiorizaram, às suas ideias epistemológicas e que, posteriormente, passaram a ser denominados de terminólogos em virtude do empenho de *Wüster*.

Doutro modo, *Wüster* consciente da constituição e da institucionalização cognitiva da terminologia debateu-se em prol “d’une formation de professionnels de la terminologie. Leur tâche consisterait à élaborer des dictionnaires spécialisés (appelés dictionnaires techniques) perçus alors comme des ouvrages incontournables à une époque où la technique et les technologies se déployaient dans de nombreux secteurs d’activité.” (Cabré 2007: 3).

Sob a perspectiva da institucionalização social, que é a altura em que uma determinada ciência “trabalha com a organização interna e externa, dos instrumentos de divulgação e das estruturas políticas e institucionais da área que promovem a sua identidade social” (Silveira 2008: 41), a contribuição de *Wüster* nesse sentido parece-nos fundamental, pois aproximou a terminologia da ISO, criando o Comité técnico 37, “dont Wüster a été le secrétaire, s’est occupé – et continue de le faire – de l’établissement des principes de travail en terminologie et de la représentation des données terminologiques.” (Cabré 2007: 4), assim como a relacionou com a *UNESCO*, criando a *INFOTERM* e, conseqüentemente, concretizando o objectivo da “la création d’un centre international de terminologie.” (ibidem).

¹ “refere-se à clareza e à organização das estruturas formais e informais dos componentes conceituais e sociais que são reconhecidos por sua e por outras comunidades. Envolve operações e actividades consolidadas internamente pela ciência, onde as outras ciências reconhecem sua condição como tal e a convidam para se incorporar ao conjunto das ciências” (Silveira, 2008: 25)

Diante o exposto, tivemos oportunidade de revisitar sucintamente alguns factos que, a nosso ver, atestam que a terminologia reúne princípios que permitem legitimar a sua constituição e institucionalização científicas, e tal se deve a *Wüster*.

Todavia, considerar *Wüster* o precursor da Terminologia Moderna não implica necessariamente unanimidade em torno da sua proposta de Teoria da Terminologia.

Destarte, a terminologia preconizada por *Wüster* não fica imune às incertezas e aos cepticismos decorrentes de questões teóricas e metodológicas.

Segundo nos parece, o primeiro grande debate em torno das questões previamente referidas, no interior da comunidade dos terminólogos, teve lugar com a fase da história da terminologia a qual convencionámos denominar *pós-wüsterianismo*.

2. Pós – wüsterianismo

O conceito de pós-wüsterianismo ao qual nos referimos na presente dissertação, não tem que ver necessariamente com aqueles que romperam com *Wüster* e com a perspectiva de Viena. Ao invés, prende-se com uma tentativa de reflexão em torno do acolhimento da obra de *Wüster* e as subsequentes reacções.

Numa tentativa de descrever e de situar cronologicamente a evolução da teoria da terminologia no âmbito do pós-wüsterianismo, *Cabré* (2007) prevê a existência de dois períodos distintos: o de contenção teórica (nos anos 60, 70 e 80) e o da expansão teórica (nos anos 90 e nos princípios do presente século).

Por outro lado, *Humbley* sublinha que as reacções à obra de *Eugen Wüster*, tendo em conta os períodos delimitados por *Cabré*, são díspares “non seulement selon les points de vues linguistiques mais aussi selon les diverses aires géographiques” (*Humbley* 2004: 33).

Assim, *Humbley* não só observa que “les terminologues de langues allemande et scandinaves ont poursuivi leurs recherches dans la continuité de cette “théorie générale”” (*Humbley* 2004: 33) como também constata “un relatif isolement des pays francophones (et anglophones) par rapport à la pensée wüsterienne” (*Humbley* 2004: 35).

Não obstante as dissonâncias face ao pensamento *wüsteriano* identificadas por *Humbley*, supomos que é pertinente adoptarmos os períodos demarcados por *Cabré* e, como tal, centrar-nos unicamente na evolução teórica e prática da terminologia no seio das escolas de língua inglesa e, sobretudo, das escolas de língua francesa.

O momento de contenção teórica face à obra de *Wüster*, por parte das escolas terminológicas de língua francesa, tem que ver directamente com o isolamento referido previamente por *Humbley*.

Consequentemente, esse isolamento prende-se em parte com a aceitação da doutrina *wüsteriana*, por parte dos poucos terminólogos de língua francesa, que a dominavam e, simultaneamente, com o desconhecimento total da mesma por parte daqueles que exercem a actividade terminológica à época.

Contudo, com a tradução francesa do “*Manual de Terminologia*” de *Felber*, em 1987, parte-se do princípio que se está perante uma fac-similação do pensamento *wüsteriano*.

Daí, alguns teóricos, *Thoiron et al* (1996 cf. bibliografia) e *Gambier* (1987cf. bibliografia), começam a pôr em causa alguns postulados *wüsterianos*.

O momento de expansão teórica, o qual teve lugar entre 1994 e 2004, à luz da interpretação da *L’Homme et al. (2003)*, é despoletado na Universidade de Rouen onde assistimos de forma inédita a uma *contestação organizada à doutrina wüsteriana* (*Humbley 2004:7*).

Na sequência do levantamento teórico de Rouen, surge uma nova abordagem à terminologia: a socioterminologia.

A reivindicação socioterminológica resumia-se à “necessity to take into account the social dimension of terms as they are subject to variation according to the social context in which they are used”(L’Homme et al. 2003: 154).

Em 1999, após alguns anos de maturação teórica, surge o conceito de terminologia textual, que com a chancela de *Slodzian* e de *Bourigault*, “plaide pour un abandon pure et simple de la doctrine de Wüster” (*Humbley 2004: 13*).

Por outro lado, num contexto exterior ao espaço francófono, com *Cabré* também surge, em 1999, uma nova teoria terminológica: a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

A TCT é uma proposta terminológica que pretende enfatizar “the communicative dimension of terms in addition to their cognitive and linguistic aspects” (L’Homme et al. 2003: 154).

Novamente dentro do espaço francófono, aparece uma nova abordagem terminológica, com *Temmerman* (1997, 2000), designada de Terminologia Sociocognitiva através da qual se insiste na “need for a definition of the concept to be based on prototype theory, and on the

inclusion of a diachronic and social perspective in the description of terms” (L’ Homme et al. 2003: 154).

O estado da arte da terminologia apresenta-se-nos diverso, pelo que a presença de diferentes teorias, correntes e abordagens terminológicas nos permite outrossim posicionar teórica e metodologicamente no âmbito de uma delas.

No caso da presente dissertação, e atendendo aos moldes expostos previamente, adoptaremos pressupostos teóricos e metodológicos de ordem socioterminológica e, simultaneamente, de ordem da terminologia textual.

3. Socioterminologia

Alguns dados bibliográficos, tais como: *Gaudin* (1993a), *Faulstich* (1995) e *De La Torre* (2004), apontam *Jean – Claude Boulanger* (1981 / 1982) como sendo o primeiro estudioso a empregar o termo socioterminologia.

De acordo com *Faulstich*, “a partir de então, vários são os linguistas que defendem o estudo e o registro social do termo, pois reconhecem que as terminologias estão abertas à variação” (*Faulstich* 1995: 2).

Um dos linguistas, que subscreve a reflexão precedente, é *Gambier* (1986), a quem *Gaudin* atribui o mérito de tornar o termo socioterminologia “une désignation programmatique” (*Gaudin* 1993a: 67).

Todavia, observamos que é com a publicação da tese de Doutoramento de *Gaudin*, em 1993, que se discorre de forma mais aprofundada sobre a importância de um programa terminológico orientado para a questão social do termo: a socioterminologia.

Outrossim, pensamos que a perspectiva socioterminológica de *Gaudin* “ correspond au développement des préoccupations sociales et politiques auxquelles elle permet d’offrir des éléments de réponse” (*Gaudin* 2007: 26).

Portanto, depreendemos que a abordagem socioterminológica consiste numa nova abordagem terminológica, contemplando instrumentos teóricos e metodológicos no intuito de “introducir la terminología en la práctica social que es todo discurso, incluido el discurso metaterminológico con el objetivo de examinarlo como actividade produtora / social y como actividade cognoscitiva” (*Borbujo* 2001: 661).

Enquanto actividade cognitiva, a socioterminologia prevê que a unidade terminológica, inserida no sistema de língua de especialidade, “refleja una representación, una forma de ver” (*Borbujo* 2001: 662).

Enquanto actividade social, a socioterminologia induz que a unidade terminológica consiste numa “outil de travail et de production de sens dans une sphère d’activité” (Gaudin 1993^a: 221).

Assim, a unidade terminológica é um resultado de uma construção e de uma apropriação do mundo real por parte do locutor.

Porém, o locutor, na acepção socioterminológica, não é o único elemento que contribui para a efectivação da construção da unidade terminológica, logo torna-se imperativo “réfléchir sur des niveaux intermédiaires entre le locuteur, sujet de parole, et la communauté linguistique qui partage l’usage d’une même langue” (Gaudin 1993^a:179).

Consequentemente, é no seio do discurso, e aqui entendemo-lo “no lo sequencia de palabras / de términos, receptáculo de informaciones, datos y conceptos, sino como lugar de fuerzas, de negociación de sentido, de equilibrio entre necesidades y formas de denominación, como lugar y forma producidos por lagunas posiciones sócio-ideológicas” (Borbujo 2001: 662) que a palavra adquire o estatuto de unidade terminológica reconhecida.

Na sequência da exposição dos conceitos socioterminológicos precedentes, inferimos que a prática socioterminológica passa sobretudo pela análise dos discursos de especialidade.

Doutro modo, actualmente a socioterminologia é “avant tout une posture descriptive qui examine la façon dont les termes replacés dans leurs pratiques sociodiscursives sont utilisés et circulent » (Delavigne e Holzem 2006 : 1).

Mais, podemos inferir que a socioterminologia é uma “démarche descriptive qui prend en compte la variété des usages et la construction contextuelle du sens des unités terminologiques » (Holzem 2007 : 4).

4. Terminologia Textual

A reavaliação das metodologias em terminologia da altura (dos anos 80 e 90), na nossa perspectiva, encontra-se na origem da maturação e da formalização de uma abordagem textual à terminologia.

Em termos de maturação teórica e metodológica da abordagem textual à terminologia, parece-nos que esta teve a sua origem na escola de terminologia do Canadá.

Na realidade, tal como presumíamos após a leitura de *Kocourek* (1991 b), também *Collet* (2000: 221) sustenta que o interesse em relacionar a unidade terminológica com o texto se encontra visivelmente expresso em *Kocourek* (1991 b) que afirma que “le terme a donc sa

place dans l'analyse du plan textuel, il n'est pas en opposition au texte" (Kocourek 1991 b: 75). E, por isso, afirma igualmente que "la dimension textuelle, qui a d'ailleurs toujours été respectée dans la méthodologie terminologique canado-québécoise, a enrichi la réflexion terminologique » (Kocourek 1991 b : 71).

Porém, como sublinha *Collet* (2000), a abordagem textual preconizada por *Kocourek* (1991 b), traduz uma disposição de reconciliação da abordagem sistemática com a abordagem textual que na sua essência outrossim "se traduit par une certaine prise en considération de l'environnement contextuel du terme" (Collet 2000: 221-222).

Contrariamente a *Kocourek* (1991 b), a proposta e formalização de uma abordagem textual à terminologia de *Slodzian* e de *Bourigault*, em 1999, procura romper com a terminologia wüsteriana (ou sistemática).

Assim, o surgimento da terminologia textual proposta por *Slodzian* e por *Bourigault*, em 1999, que pretende colocar o texto no epicentro dos estudos terminológicos, justifica-se pela constatação empírica da existência de variabilidades das terminologias, isto é: "étant donné un domaine d'activité, il n'y a pas UNE terminologie, qui représenterait LE savoir sur le domaine, mais autant de terminologies que d'applications dans lesquelles ces terminologies sont utilisées" (Bourigault e Slodzian 1999: 30).

Na sequência desta constatação de variabilidade das terminologias, os autores esboçam algumas propostas teóricas e metodológicas centradas na noção de texto.

Teoricamente, para *Bourigault* e *Slodzian*, a terminologia deve fundamentar-se nas bases teóricas da Linguística Textual, já que "l'objet empirique d'une linguistique textuelle, le texte, est le point de départ de la description lexicale" (Bourigault e Slodzian 1999: 31).

A proposta metodológica consiste em partir do texto para se estudar o termo: "on va du texte vers le terme" (ibidem).

O termo, por seu turno, "est un construit" (ibidem) consequência de uma análise de "une signification (type) à partir des sens (occurrences) attestés dans les corpus" (ibidem).

Pelo exposto, entendemos a terminologia textual como sendo uma abordagem que antes de tudo "vem manifestamente contribuir para um desenvolvimento das análise e descrição em linguística, permitindo um desenvolvimento renovado de gramáticas e de dicionários" (Costa 2001: 9).

Outrossim, entendemos que a terminologia textual mais do que uma abordagem teórica, é sobretudo uma abordagem metodológica que “aurait pour base les méthodologies propres aux linguistiques de corpus, mais appliquées aux textes de spécialités” (Costa e Silva 2009: 10).

E, conseqüentemente, o estudo dos textos de especialidade, no âmbito da terminologia textual, visa “le fonctionnement réel des unités lexicales en contexte” (Slodzian 2000: 74).

5. Justificação de enquadramento teórico e metodológico

A opção por um enquadramento teórico e metodológico socioterminológico e da terminologia textual significa que a abordagem à terminologia, que subjaz a presente dissertação, é uma abordagem descritiva.

Não obstante o seu carácter descritivo, sabemos que a socioterminologia e a terminologia abordam a unidade terminológica sob ópticas distintas.

A socioterminologia repousa sobre fundamentos principalmente sociolinguísticos, ao passo que a terminologia textual “ouvre portes à tous les acquis de l’analyse linguistique et textuelle” (Bourigault e Slodzian 1999: 32).

A socioterminologia privilegia o estudo da unidade terminológica num contexto discursivo, enquanto a terminologia textual privilegia o estudo da unidade terminológica num contexto textual.

Todavia, pensamos que as naturezas teóricas e metodológicas de ambas as abordagens não se confundem, nem se sobrepõem.

Pelo contrário, no âmbito da presente dissertação, partimos do pressuposto de que há uma forte probabilidade de conciliação teórica e metodológica entre a socioterminologia e a terminologia textual.

Se a socioterminologia se interessa por discursos, a terminologia textual interessa-se por textos. No entanto, ainda que o discurso e o texto possam ser passíveis de uma análise individual, julgamos que também podem ser analisados e estudados conjuntamente.

Assim, o estudo terminológico, que pretendemos realizar, pretende-se discursivo e textual, o que significa que desejamos perspectivar a unidade terminológica num contexto discursivo e textual

A perspectiva da unidade terminológica num contexto discursivo denota o ímpeto de invocarmos não só as características linguísticas subjacentes à mesma como também as características extralinguísticas, das quais se destacam o uso dado pelo locutor especialista da esfera de actividade humana a estudar.

Por outro lado, a perspectiva da unidade terminológica num contexto textual revela a necessidade de não só entender o comportamento linguístico da unidade terminológica, mas também a necessidade de descrever os contextos em que as unidades terminológicas ocorrem.

Assim, o presente estudo é empírico, pelo que assenta num corpus. A colecção de textos que constitui o corpus deve ser previamente organizada em função de características extralinguísticas.

Por outro lado, e ainda no âmbito da constituição de um corpus textual de especialidade, é através da organização de textos, enquanto ocorrências de discurso, que tencionamos identificar dados linguísticos e terminológicos pertinentes de modo a analisar os casos de variação terminológica no âmbito da área de especialidade da TAR.

CAPÍTULO II – CORPUS TEXTUAL TAR

1. Abordagem empírica à terminologia

A presente dissertação parte da hipótese da existência de variação terminológica formal no discurso científico de especialidade da (TAR) no âmbito da infecção VIH / sida.

De modo a avaliar a hipótese enunciada, optámos por uma abordagem cujo ponto de partida são dados empíricos de natureza discursiva e de natureza textual.

Por isso, propusemo-nos constituir um corpus - Corpus Textual - TAR - que reflectisse uma organização dos mesmos dados empíricos de maneira que estes constituíssem a “réalité matérielle accessible, analysable et évaluable” (Slodzian 2000: 78).

Contudo, a constituição de um corpus em terminologia requer algumas reflexões teóricas e metodológicas que invocam inúmeros conceitos passíveis de se inter-relacionar.

Assim, partindo da noção texto de especialidade, propomo-nos discorrer sobre os conceitos de corpora de especialidade e de texto de especialidade.

Com a delimitação dos referidos conceitos, apresentamos a metodologia da constituição do Corpus Textual TAR.

1.1. Corpora de especialidade

Costa (2001) considera que “os discursos proferidos em situações de especialidade constituem corpora de especialidade, que requerem aproximações metodológicas e teóricas particulares” (ibidem).

Assim, *Costa* (2001) assevera que os corpora de especialidade podem ser corpora de referência de especialidade “se o conjunto de enunciados de especialidade for representativo dos enunciados produzidos pela classe profissional em causa e se a quantidade de enunciados recolhidos for significativa” (ibidem).

Deste modo, se para a Linguística de corpora, o conceito de referência remete inevitavelmente para os conceitos de representatividade e de quantidade dos textos que constituem o corpus, o mesmo não se pode afirmar para os corpora de especialidade. Para estes a questão da representatividade e da quantidade de textos tendem a ser relativizadas, na medida em que “a diversidade dos textos no seio de uma área de especialidade é imensa” (*Costa* 2001:37), assim como “a produção de textos numa área de especialidade numa língua determinada, pode ser diminuta, assumindo o tamanho do corpus um valor relativo” (ibidem).

Na sequência das particularidades intrínsecas aos corpora de especialidade, bem como das suas similitudes com os corpora de língua geral, *Costa* (2001) apresenta uma proposta de tipologia de corpora de especialidade que, apesar de substituir o conceito de corpora de referência pelo de corpora de referência de especialidade, mantém os outros tipos de corpora, defendendo que os mesmos se aplicam de igual modo às línguas de especialidade, conforme podemos observar na seguinte figura:

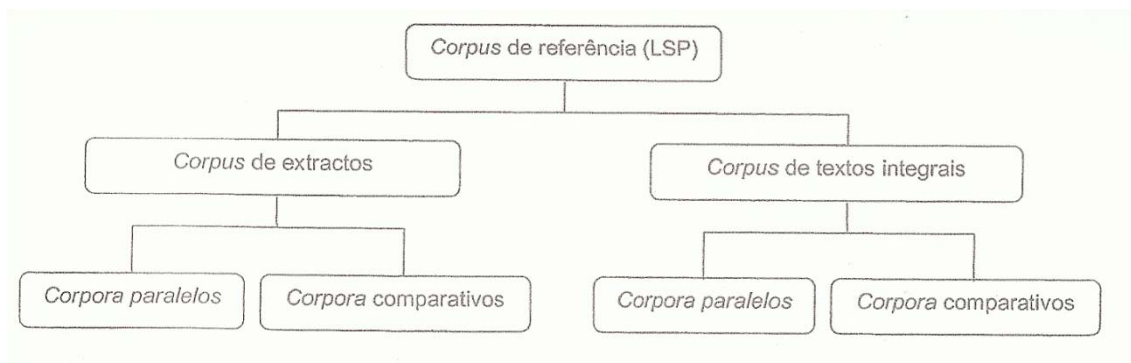


Figura 1: Proposta de tipologia de corpus de referência de especialidade (Costa 2001: 36)

1.2. Textos de especialidade

Os corpora de especialidade são *a priori* constituídos por enunciados orais e \ ou escritos; também, eles, de especialidade.

Posteriormente, a organização dos enunciados – neste caso: de enunciados de especialidade –, devido a razões de ordem teórica, pode ser analisados do ponto de vista discursivo ou textual.

Assim sendo pretendemos dar enfoque ao conceito de texto de especialidade; nomeadamente, ao texto de especialidade escrito enquanto produto que, por sua vez, observamos que pode ser considerado “un objet d’observation et d’analyse pour ceux qui ont recours aux corpus pour identifier des termes, des concepts et en extraire des connaissances” (Costa e Silva 2009: 3).

Por outro lado, além de um produto, o texto de especialidade escrito “est le moyen le plus efficace pour le spécialiste de communiquer avec les membres de sa communauté professionnelle » (Costa e Silva 2009: 4).

Por sua vez, o especialista, no processo de comunicação, expõe “de façon cohérente, en ayant recours , aux termes et à la grammaire, sa vision et sa conception du monde culturellement partagé par un groupe d’individus qui compose sa communauté » (ibidem).

Nos moldes previamente expostos, em terminologia uma das formas de estabelecer a distinção entre o texto de especialidade e os outros textos é adoptando uma abordagem extralinguística. Doutra modo, o texto pode ser considerado de especialidade desde que emane: “ a. la reconnaissance scientifique de l’auteur par la communauté à laquelle il appartient ; b. la connaissance du public auquel se dirige le texte ; c. la représentativité du texte pour les membres de la communauté scientifique. » (Costa e Silva 2009 : 8-9).

Para *Costa*, o texto de especialidade, e nomeadamente, o texto de especialidade escrito, consiste no “produto estável resultante de uma actividade intelectual e profissional, provindo de uma comunidade de comunicação restrita” (Costa 2001: 60).

Como podemos observar, a constatação de *Costa* (2001) face ao texto de especialidade escrito resume-se a uma abordagem material do texto em si, pelo que a autora admite a necessidade de uma reflexão teórica do texto enquanto objecto abstracto.

Todavia, a natureza da reflexão teórica anterior parece que nos remete para outras implicações teóricas e metodológicas, na medida em que coloca lado a lado o conceito de texto e o de discurso que “nem sempre se conseguem distinguir cabalmente um do outro” (Costa 2001: 61).

De modo a dirimir a questão do conceito de texto e de discurso, *Costa* assume que “tanto o discurso como o texto são enunciados; o que os distingue na realidade, é o ponto de vista sob o qual são abordados.” (Costa 2001: 62).

Assim, *Costa* (2001) infere que “o discurso deve ser apreendido como um enunciado associado às condições de produção em que foi produzido, enquanto o texto deve ser sentido, numa primeira instância, como um todo coerente, sendo tal coerência um dos parâmetros que permite definir o conceito de texto” (Costa 2001: 62-63).

De acordo com *Costa* (2001), o texto e o discurso não podem ser desassociados um do outro “uma vez que o discurso actualizado apresenta-se, geralmente, sob a forma de texto” (Costa 2001: 66).

Na realidade, a autora conclui que “falar em texto implica a noção de discurso, uma vez que o texto fixa um discurso proferido por um indivíduo, num espaço e num tempo específicos” (ibidem).

Por outro lado, uma vez que o texto é passível de ser analisado enquanto um processo e uma produto, que resumem “todos os elementos linguísticos e extralinguísticos que dão conta da interacção da linguagem com a vida social” (Costa 2001: 67), supomos que se torna

necessário dar prioridade aos parâmetros extralinguísticos da produção textual, aquando da análise do texto enquanto produto de uma actividade intelectual e social.

Por isso, *Costa* (2001) sustenta que o conceito de contexto deve estar presente quando estão em causa a análise do texto e da sua respectiva produção.

Por outras palavras, *Costa* (2001) define o contexto como sendo “um conceito operatório, mediador entre o intralinguístico, o linguístico e o extralinguístico, sendo os intervenientes os principais protagonistas da mediação” (*Costa* 2001: 72).

Recentemente, os corpora de especialidade deixaram de ser perspectivados como meros receptáculos de terminologia, pelo que as atenções recaem “non plus seulement sur les termes, les frontières du terme, mais aussi sur les limites du texte, et suggèrent l'établissement de typologies textuelles spécialisées” (*Silva* 2005: 2).

Destarte, os textos de especialidade “passent de simples réceptacles de termes à des ensembles organisés et structurés” (*ibidem*).

Contudo, a organização e a estruturação dos textos de especialidade, de acordo com tipologias textuais de especialidade, revela-nos que “la simple et traditionnelle classification des textes en domaines reste certes fondamentale mais n'est plus suffisante” (*ibidem*) e, por outro lado, revela-nos que existe uma “insuffisance des critères de classification préétablis pour la constitution de corpus terminologiques” (*ibidem*).

Deste modo, verificamos que, aquando da constituição dos corpora de especialidade, se torna necessário não só classificar os textos de especialidade em domínios como também classificá-los segundo critérios sociológicos, sociolinguísticos e, até mesmo, socioterminológicos, na medida em que “Ce sont ces paramètres qui permettent l'interprétation des données terminologiques contenues dans les textes spécialisés” (*ibidem*).

Assim, podemos dizer que uma tipologia de textos é o “résultat de l'organisation des textes en fonction des traits qui les caractérisent et qui leurs sont communs, permettant une classification” (*Costa e Silva* 2009: 6).

Por sua vez, da classificação anterior, chegamos a uma sistematização de textos segundo grupos ou segundo tipos. De acordo com *Costa e Silva* (2009), a presente sistematização de textos é artificial e, simultaneamente, dependente do ponto de vista do investigador e dos respectivos dos objectivos que guiam a sua investigação.

Por isso, uma das formas, de conceber uma tipologia de textos de especialidade, pode ser com base nos géneros de discurso e \ ou nos tipos de discurso. Tanto uma

concepção de tipologia como outra resultam “da observação das condições sociodiscursivas em que foi produzido o texto, testemunho representativo de uma colecção de textos que, no seu conjunto, caracteriza um discurso” (Costa 2001: 88).

Por último, qualquer uma das tipologias de textos de especialidade deixa-nos antever que “ o texto decorre de um discurso, porém não podemos tomar a parte pelo todo. O estudo minucioso de um texto científico, não nos permite afirmar conhecer e dominar o discurso científico. Julgamos, contudo, que um corpus reflecte as propriedades de um tipo de discurso ou de vários tipos de discursos, tendo em conta que um texto é uma ocorrência de um ou vários géneros, que estabelece (m) o elo de ligação entre o texto e o (s) discurso (s)” (Costa 2001: 89).

2. Metodologia para a constituição do Corpus Textual - TAR

2.1. Observações preliminares

A problemática que identificámos no âmbito do presente estudo terminológico prende-se com o facto de sabermos se a terminologia da TAR apresenta variação no seio do discurso científico.

Na sequência da problemática enunciada, traçámos um objectivo geral que corresponde à extracção semiautomática de unidades terminológicas, que nos permitirá identificar casos de variações terminológicas formais em situação discursiva e textual de usos da terminologia da TAR (concretamente, o uso científico), ocorrentes no Corpus Textual TAR.

Por outro lado, convencionámos que a constituição do Corpus Textual TAR deve ter em conta cinco critérios:

- i. Reflectir a área de especialidade em estudo;
- ii. Incidir sobre o discurso científico;
- iii. Basear-se numa única língua, o português europeu;
- iv. Cingir-se ao registo escrito da língua;
- v. Ser sincrónico.

2.2. Etapas de constituição do Corpus Textual TAR

A constituição do Corpus Textual TAR desenvolve-se em duas etapas: 1. Delimitação da área de especialidade e 2. Selecção dos textos.

2.2.1. Delimitação da área de especialidade

Os poucos anos que antecedem 1980, apanham a comunidade científica médica desprevenida, sendo que “os médicos apercebem-se, bruscamente e com grande espanto, da existência de uma doença que lhes parece “nova”. Nova porque pensam nunca a ter visto antes e porque, para a compreender, é-lhes necessário recorrer a modelos desconhecidos da patologia e da epidemiologia clássicas” (Grmek 1994: 25).

Paralelamente à constatação que se tratava de uma nova doença, a comunidade científica médica constatou outrossim que esta doença se propagava “inexoravelmente e as suas vítimas morriam apesar dos tratamentos mais sofisticados” (ibidem).

Diante as constatações previamente referidas, o *Center for Disease Control* (CDC), de Atlanta, na Georgia, nos Estados Unidos da América, decide tornar público a existência da infecção VIH / sida.

Assim, o primeiro anúncio oficial da infecção VIH / sida foi publicado no dia 5 de Junho de 1981.

Vinte e nove anos, após, a oficialização da existência da infecção VIH / sida, ainda desconhecemos a sua cura. Contudo, a comunidade científica tem-se empenhado bastante em termos de investigação.

O primeiro grande avanço científico, em 1984, é a descoberta do retrovírus VIH, do seu ciclo de replicação e dos potenciais alvos terapêuticos (cf. Coordenação Nacional para a Infecção VIH – SIDA (2008)).

Dois anos mais tarde, em 1986, o *National Institutes of Health* (NIH) cria o *Aids Clinical Trials Group* (ACTG) com o intuito de desenvolver fármacos para combater a infecção VIH / sida.

O AZT, o primeiro fármaco desenvolvido pelo ACTG, surge em 1987. E, assim, começa a desenhar-se uma nova área de especialidade do domínio da infecção VIH / sida: a Terapêutica Anti-Retrovítica (TAR).

Com vinte e três anos de existência, a área de especialidade da TAR permite-nos inferir que ela pode ser perspectivada sob inúmeros pontos de vista.

No caso da presente dissertação, propomo-nos observar a área de especialidade da TAR sob o ponto de vista do discurso científico

2.2.2. Selecção dos textos

De modo a observar os critérios gerais de constituição do corpus textual TAR, os textos seleccionados provieram do “Manual sobre SIDA” que se inscreve no discurso científico e data de 2004.

O presente manual inscreve-se na esfera de actividade humana da infecção VIH / sida, abordando inúmeros temas relacionados com a infecção VIH / sida sobre uma perspectiva científica.

Os textos de especialidade escritos seleccionados prendem-se com a área de especialidade da terapêutica anti-retrovírica (TAR) e perfazem um conjunto de 9 (nove) textos.

3. Levantamento semiautomático dos dados

De modo a levantar os dados terminológicos para efectuar o presente estudo, recorremos ao programa *CONCAPP*.

O *CONCAPP* permitiu-nos aferir que o Corpus Textual TAR é composto no seu total por 34283 formas. Ver gráfico:

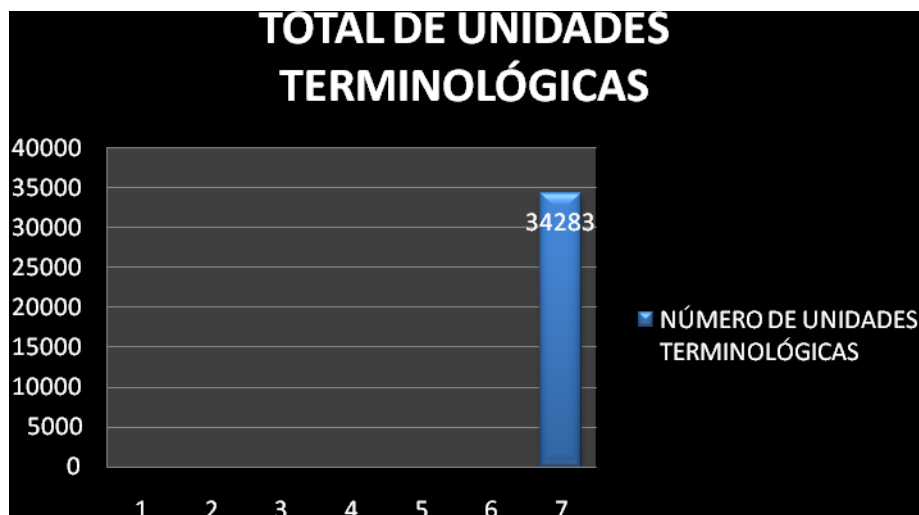


Gráfico 1: total de unidades terminológicas no corpus textual TAR

CAPÍTULO III – VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA

1. Percursos da variação em terminologia

De acordo com a literatura consultada subordinada à variação em terminologia, supomos que é verosímil avançarmos com a proposta de que os estudos variacionistas em terminologia podem ser situados em três fases: a primeira: a fase de constatação de existência do fenómeno; a segunda: a fase de descrição do fenómeno; e, a terceira, a fase de descrição do fenómeno.

A fase de constatação do fenómeno, na nossa acepção, remete-nos quer para *Wüster*, quer para os ditos revisionistas da doutrina *wüsteriana*.

A remissão para *Wüster* convoca-nos igualmente para *Felber*, pelo que em termos de estudos variacionistas em terminologia, depreendemos que foram as ideias de ambos que prevaleceram até finais dos anos 80.

A convocação para os revisionistas da doutrina *wüsteriana* apela-nos para estudos de alguns autores (*Sager* (1990), *Kocourek* (1991), *Gambier* (1991) *Gaudin* (1993), *Cabré* (1993) e *Auger* (1994)) que “não descrevem como a variação realiza-se plenamente nas linguagens de especialidade” (Lamberti 2003: 86), mas contribuem para uma postura que se define pela tomada em consideração de que as unidades terminológicas tendem à variação.

A fase de formalização teórica do fenómeno, de acordo com a nossa interpretação, não só vem colmatar a ausência de descrição da variação terminológica nos estudos previamente referidos como também contribui para a efectivação de um modelo teórico da variação terminológica.

A fase de descrição do fenómeno trata-se dos estudos que se têm desenvolvido, desde 1995 até à data, no âmbito da variação em terminologia.

Estudos, esses, que provêm de diferentes abordagens terminológicas; mas, segundo nos parece, têm como denominador comum o objectivo de descrição da realização da variação em terminologia.

Do lado da abordagem linguística em terminologia, destacamos o estudo de *Daille et al.* (1996). Do lado da abordagem léxico-semântica, temos o contributo de *L’Homme* (2004). E, por último, do lado da abordagem comunicativa da Terminologia, evidenciamos os estudos

de *Cabré* (1996) e a sua equipa da Universidade Pompeu Fabra (*Cabré et al.* (2002) e *Freixa* (2002)).

Acresce-se que no âmbito das abordagens referidas, e ou exterior ao contexto teórico das mesmas, têm ultimamente surgido outros estudos que não só descrevem e categorizam a variação terminológica como também procuram atribuir-lhe causas; como é o caso de *Freixa* (2002), (2005) e (2006) e de *Bowker e Hawkins* (2006).

Gostaríamos de salientar que existem muitos mais estudos de relevância, actualmente, subordinados à variação que não se encontram referenciados na presente dissertação.

2. Variação em terminologia na óptica da TGT

A variação em terminologia parece-nos ser uma questão cujos autores revisionistas tendem a considerar um contraponto à TGT, na medida em que “esta perspectiva induz à interpretação de que casos que geram ambigüidades e motivam a variação são indesejáveis no discurso científico e técnico” (Lamberti 2003: 85).

Por sua vez, e relacionando ainda a TGT com a variação, também constatamos que alguns autores tendem a inferir que a TGT não admite a existência do fenómeno da variação em terminologia.

De acordo com as conclusões de *Lamberti* (2003) e de *Barros e de Jesus* (2005)), a TGT não reconhece a variação e, além disso, considera a variação pode provocar ambigüidade na língua de especialidade e, como tal, comprometer os objectivos afectos à normalização terminológica.

Assim, julgamos imprescindível, para a presente dissertação, tentar de facto esclarecer a relação entre a TGT e o fenómeno de variação terminológica.

Pensamos que reflectir sobre a relação da TGT com a variação terminológica requer uma incursão pelas obras de *Wüster* (1968) e de *Felber* (1984), respectivamente: “*Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à lexicografia terminológica*” e “*Manual de Terminologia*”, de modo a estabelecer um paralelo entre ambas.

Na obra póstuma de *Wüster* “*Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à lexicografia terminológica*” encontramos no capítulo 8 uma secção intitulada “*Variação Linguística*”.

O título “*Variação Linguística*” não deixa de suscitar interesse, sendo que *a priori* nos dá a entender que a variação, para *Wüster*, é um fenómeno verosímil. Logo, *Wüster* define-o

assim: “se denomina variación lingüística toda perturbación de la unidad lingüística” (Wüster 1968: 150). Posteriormente, *Wüster* aprofunda a questão, caracterizando a variação linguística como sendo “la aparición de sinónimos u homónimos de variación. Una parte de la comunidad lingüística utiliza un sinónimo mientras que las demás utilizan otro sinónimo” (ibidem). Ulteriormente, *Wüster* classifica a variação linguística: por um lado, prevê a existência de variação linguística monolíngue; e, por outro lado, a variação linguística interlíngua.

Da classificação precedente, a variação linguística monolíngue parece-nos a mais relevante, na medida em que *Wüster* admite a variabilidade do uso em língua de especialidade. Ou seja, *Wüster* constata que “La variación lingüística monolíngue también puede darse entre campos temáticos. Ya hemos dados ejemplos de este fenómeno en las series **de** Pleuelstange, Treibstange, Schustange y Stelze ‘biela’, y también hemos llamado la atención sobre la variación lingüística entre los términos en farmacia y en química. En filosofía, la variación lingüística entre autores es particularmente fructífera” (ibidem).

Na sequência exposição de *Wüster* no que diz respeito à variação, notamos que o teórico “constate et reconnait la variabilité des usages et la variation linguistique” (Candel 2004: 20). O que parece divergir da ideia generalizada, daqueles que pretendem demarcar-se da dita terminologia dominante fazendo alusões a *Wüster* que “vont du psychologique (“ses préceptes les plus dogmatiques”, “la survivance d’un positivisme révolu” (Slodzian: 1994)); “obsession fétichiste” (Gambier 1991: 42), au médical (“son aveuglement sur l’interpénétration») voire au politique (« fascisme linguistique (Gambier 1991 : 42)) ou libéralisme (« marché du sens» (Gambier 1991 : 42)) » (Humbley 2004 : 48).

Na verdade, consideramos que o feixe de alusões, citado por *Humbley*, não se coaduna – pelo menos, em termos de reconhecimento da existência do fenómeno de variação da linguística – com a postura de *Wüster*.

Pelo contrário, a aceitação da existência do fenómeno de variação linguística; a consequente classificação da mesma; e a admissão de variação linguística nos demais domínios de especialidade, levam-nos a supor que *Wüster* nesta “son ouvrage propose une forme de discussion, voire de remise en cause de quelques grands principes, dont on tend généralement à croire q’ils les admet sans réserve” (Candel 2004: 20).

Assim, consideramos extemporâneo afirmar que *Wüster* rejeita teoricamente a existência de variação em terminologia.

Segundo *Humbley* (2007), o “*Manual de Terminologia*” de *Felber* trata-se de uma solicitação de *Wüster* aquando do primeiro colóquio da Infoterm (1975). Assim, *Wüster* confia a *Felber* a

produção de um novo manual de Terminologia com o intuito de “servir de “matériel didactique” et d’ “instrument de travail” dans le cadre de Termnet” (Humbley 2007: 84-85).

Porém, consideramos que, em muitos aspectos, este novo Manual de Terminologia não é uma fac-similação do manual de *Wüster*. Por outras palavras, o novo manual de terminologia parece-nos que corresponde mais a um projecto político institucional do que a um projecto meramente científico.

Mesmo assim, *Felber* mantém incólume o princípio terminológico *wüsteriano* de que “une communication univoque au sens stricte du terme exigerait que, pour une notion – l’élément de la pensée – une seul terme existe et vice-versa » (Felber 1987 : 11).

Contudo, ainda que *Felber* discorra sobre questões linguísticas e terminológicas que podem inviabilizar o princípio terminológico referido, nomeadamente as questões de ambiguidade, não encontramos qualquer tipo de menção à questão da variação em língua (s) de especialidade.

Doutro modo, *Felber* considera que existem diversas afectações entre termos e noções, tais como a monossemia, a monossemia acompanhada de mononímia, a plurivalência (homonímia e polissemia) e a sinonímia (cf. Felber 1987: 152). Tem também a preocupação de defini-las e de classificá-las teoricamente, bem como o cuidado de apresentar as suas causas e os efeitos nocivos que podem ter no projecto terminológico que dirige.

Em oposição ao manual de *Wüster*, o de *Felber* não nos permite inferir o que quer que seja em matéria de variação em terminologia sendo que, como já salientamos, se trata de uma questão ausente.

3. Os revisionistas wüsterianos e a variação terminológica

Com a edição francesa do *Manual de Terminologia* passa-se a ter acesso mais eficaz à doutrina da TGT.

Por sua vez, a recepção do pensamento de *Wüster*, nos moldes expostos previamente, parece ter suscitado um “*mouvement de cristallisation*” (*Van Campenboudt 2006: 2*).

Um dos corolários desse movimento de cristalização consistiu na condução “*inéluctablement à des tensions voire à des ruptures plus au moins constructives*” (*ibidem*).

Tensões e rupturas, na nossa perspectiva, sustentadas alegadamente por ideias – chave, da TGT, que nos convidam a “*focaliser sur des points de tension par rapport à l’évolution de la recherche et non de s’attaquer à l’homme Wüster et à ses apports*” (*ibidem*).

Um dos pontos do desenvolvimento da investigação em terminologia tem que ver com a assunção de que *Wüster*, e a TGT, “défend impérativement une biunivocité normalisatrice” (Candel 2004: 16).

Assim, partir do pressuposto apresentado, permitiu que inúmeros autores revisionistas, provenientes de posicionamentos terminológicos diversos, enfatizassem nos seus estudos “a importância da variação em terminologia” (Lamberti 2003: 86) bem como “a falta de sensibilidade dos trabalhos terminológicos a situações de variação, ocasionadas pela diversidade de grupos sociais que trabalham em uma área de especialidade” (Lamberti 2003: 85).

Sager (1990) afirma que “the recognition that terms occur in various linguistic contexts and that they have variants which are frequently context-conditioned shatters the idealized view that there can be or should be only one designation for a concept and vice-versa” (Sager 1990: 58-59), o que significa que não só admite o fenómeno da variação linguística em terminologia como também considera que a constatação deste fenómeno inviabiliza a operacionalização do postulado de biunivocidade da unidade terminológica previsto pela TGT.

Por seu lado, *Kocourek* (1991) considera que, uma vez que, “ [...] la langue de spécialité est un sous-ensemble de la langue entière, elle est sujette à la variation linguistique, historique et géographique de celle-ci » (Kocourek 1991 : 24).

Ainda que *Kocourek* se distancie teoricamente de *Sager* a partir do momento em que estabelece parâmetros de variabilidade, ambos parecem acordar no facto de existir variação linguística no seio da língua de especialidade.

Uma outra analogia entre os dois autores, que nos parece relevante, prende-se com o facto de relegarem o estudo da variação linguística em língua de especialidade quer para a figura da linguística e, mais concretamente, dos estudos dialectológicos (cf. *Kocourek* 1991: 31), quer para a figura da linguística e dos especialistas (cf. *Sager* 1990: 213 - 214).

Em acordo com a ideia de *Kocourek* e de *Sager*, *Auger* (1993) sustem, de acordo com *De la Torre* (2004), que “es al terminologo a quien corresponde aceptar la variación lingüística, describir los usos y orientar estos usos sobre una base pluralista, consensual y realista” (De la Torre 2004: 51).

Na sequência dos estudos previamente discutidos, também *Cabré* (1993) se mostra favorável à existência de variação linguística nos usos terminológicos. Todavia, observamos que, contrariamente aos outros autores, a autora passa a denominar o presente fenómeno de variação nas línguas de especialidade.

Segundo Cabré (1993), “todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones” (Cabré 1993: 157).

Todos os autores, que referimos, demonstram consensualidade em termos de aceitação de existência do fenómeno de variação na (s) língua (s) de especialidade. Outrossim, concordam entre si que a (s) língua (s) de especialidade é susceptível de variedade, ou variabilidades, no uso.

As duas dificuldades apontadas relativamente ao estudo da variação em terminologia, começam a ser superadas com o estudo de *Faulstich* em 1995; o qual, sob o nosso ponto de vista, se trata de um prelúdio para o desenvolvimento e para a consolidação de um modelo teórico da variação em terminologia.

4. Modelo teórico de variação terminológica de Faulstich

Sob uma perspectiva socioterminológica, *Faulstich* apresenta o artigo “*Socioterminologia: mais que um método, uma disciplina*” em 1995, o qual presumimos que se trata da fase embrionária para a formalização de uma teoria da variação terminológica.

Assim, constatamos que *Faulstich* tenta demarcar-se da ideia de que o estudo da variação linguística em terminologia deve ser desenvolvido única e exclusivamente pela sociolinguística pelo que afirma que “o conceito de variação linguística, desenvolvido pela sociolinguística, serve de suporte para essa nova interpretação que se vem desenvolvendo sobre a variação terminológica” (Faulstich 1995: 7).

Um ano mais tarde, no artigo “*Variações terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha*”, a autora reitera a ideia veiculada anteriormente socorrendo-se do argumento que a socioterminologia e a sociolinguística concorrem para objectos de análise distintos na medida em que “a primeira se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico” (Faulstich 1996:1) ao passo que a segunda “trata a variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista de mudança que poderá vir a ocorrer” (ibidem).

Por isso, *Faulstich* admite que, à semelhança da sociolinguística, também a socioterminologia deverá descrever e explicar os fenómenos linguísticos variáveis quer sob um ponto de vista linguístico, quer sob um ponto de vista extralinguístico.

Baseada no postulado precedente e na tentativa de sistematizar os produtos do fenómeno da variação terminológica, *Faulstich* esboça uma tipologia de variantes terminológicas que, por sua vez, se traduz em dois grupos: o das variantes linguísticas e o das variantes de registo.

Em 1998, no artigo “*Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua*”, *Faulstich* apresenta um estudo de variação terminológica diacrónica com o intuito de sustentar a tese de que “o termo é uma entidade do discurso independentemente de sua realização no plano sincrónico e no plano diacrónico e, por isso, passível de apresentar variantes antigas e actuais” (Faulstich 1998: 3).

No âmbito do mesmo artigo, *Faulstich* não só adopta a tipologia apresentada em 1996 com também procura definir as variantes terminológicas: as variantes terminológicas linguísticas são “aquelas que cujo fenómeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (Faulstich 1998: 6) e as variantes de registo são “aquelas que cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no temporal em que se realizam os usos linguísticos dos termos” (ibidem).

Ainda no mesmo artigo, *Faulstich* reformula a tipologia de variantes de 1996, pelo que verificamos três tipos de variantes: as variantes terminológicas concorrentes (no qual se inscrevem os dois grupos de tipologias atrás descritos), as variantes terminológicas coocorrentes e as variantes terminológicas competitivas.

Em 1999, na sequência da publicação do artigo “*Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie*”, os estudos em variação terminológica atingem o seu expoente máximo, na medida em que *Faulstich* surge com um conjunto de cinco postulados teóricos que sustentam a teoria da variação terminológica (Faulstich 2006: 28); e, por outro lado, propõe um modelo teórico para a variação terminológica. Ver seguinte figura:

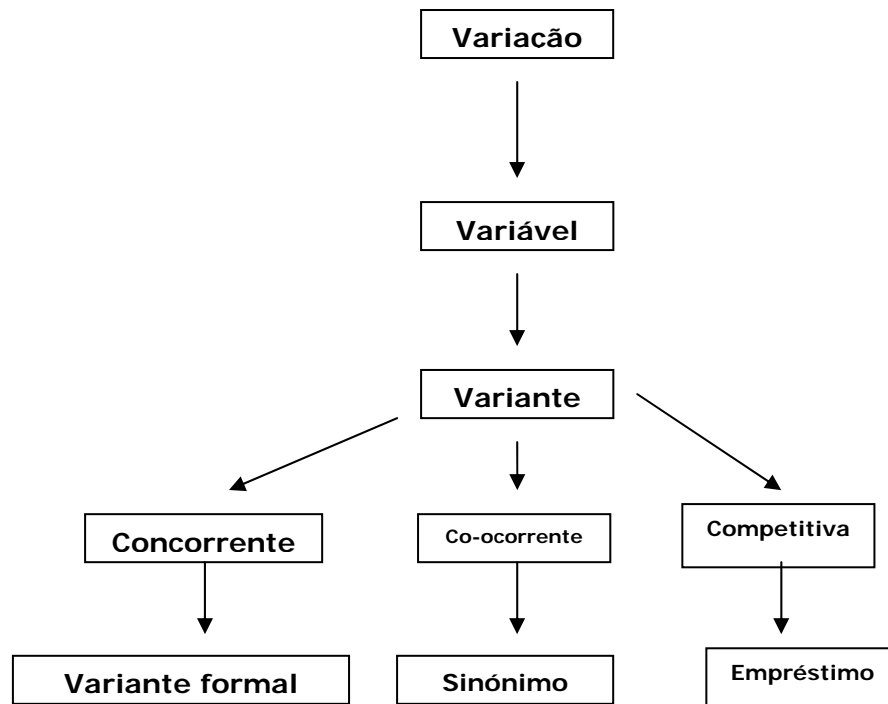


Figura 2: Proposta de modelo teórico de variação terminológica (Faulstich 1999: 10)

Os cinco postulados, que decorrem da necessidade de atribuir vínculos teóricos de carácter linguístico e, simultaneamente, de conferir legitimidade linguística ao fenómeno da variação terminológica, já que a autora advoga que “En terminologie, plus la variation est soutenue par des postulats linguistiques, plus elle doit être catégorique” (Faulstich 1999: 10), são os seguintes:

- i. Dissociation entre structure terminologique et homogénéité, univocité, et association de la notion d’hétérogénéité ordonnée à la structure terminologique;
- ii. Abandon de l’isomorphisme catégorique entre terme-concept-signifié;
- iii. Acceptation du fait que, puisque la terminologie est un fait de langue, elle contient des éléments qui varient;
- iv. Acceptation du fait que la terminologie varie et cette variation peut indiquer un changement en cours ;
- v. Analyse de la terminologie dans des co-textes linguistiques et en contextes discursifs de la langue écrite et de la langue orale ;

(Faulstich 1999 : 10)

O modelo teórico de variação terminológica de *Faulstich*, conforme podemos observar, procura hierarquizar, associar e reunir um conjunto de conceitos fundamentais que se encontram envolvidos no fenómeno de variação em língua de especialidade.

Consequentemente, *Faulstich (1999)* descreve e explica em que consistem e qual é a função desempenhada pelo conjunto de conceitos preconizados no modelo teórico de variação terminológica.

Assim, *Faulstich* generaliza os factores que podem determinar a variação terminológica enquanto fenómeno, ou seja segundo a autora esta “s’explique par le mouvement graduel de la langue dans le temps et dans l’espace” (Faulstich 1999: 10).

Seguidamente, *Faulstich* explica a variação terminológica enquanto um processo; processo, esse, que envolve duas entidades linguísticas que, por sua vez, disputam a mesma posição.

Tais entidades são o que a autora convencionou denominar de variante terminológica e quando envolvidas no processo de mudança uma delas terá logicamente de sobrepor-se sobre a outra.

Deste modo, *Faulstich* infere que o processo de variação terminológica ocorre quando “une variante (X) occupe un espace linguistique et se réalise graduellement dans l’espace pragmatique et socioculturel pouvant conduire à un produit de changement (Y)” (Faulstich 1999:11).

Outrossim, a autora procura também explicar como é que num processo de variação uma entidade ascende em detrimento do qual concorre. Segundo *Faulstich*, em terminologia, dá-se habitualmente prioridade “à expressão que já está estabelecida como termo, no discurso científico ou técnico de maior prestígio” (Faulstich 2006: 29). Porém, a autora parece discordar com este procedimento institucional posto que “essa postura concretiza uma visão ultrapassada que ainda prevalece nos estudos de terminologia” (ibidem). Em contrapartida, *Faulstich* esclarece que à luz dos estudos e das investigações que tem levado a cabo “em textos de áreas científicas e técnicas, as variantes decorrem de uso em contextos discursivos de diferentes níveis, do movimento da língua no percurso histórico, de empréstimos, de usos regionais, entre outras categorias, desde que mantenham o significado implicado” (ibidem).

Posteriormente, *Faulstich* debruça-se sobre a variante terminológica, enquanto um produto da variação, com vista a sistematizá-la de acordo com a sua natureza linguística. Assim, a autora prevê a existência de três tipos de variantes terminológicas

As variantes terminológicas concorrentes são aquelas que ora concorrem entre si, ora podem concorrer para uma mudança. Na primeira situação, “une variante qui en concurrence une autre dans la même période n’occupe pas le même espace, en raison de la nature de la même de la concurrence. Si une variante est présente sur le plan discursif, l’autre n’apparaît

pas » (Faulstich, 2006 : 11). Por outras palavras, na presente situação as variantes alternam-se e distribuem-se complementarmente. Na segunda situação, ou seja “si une variante (X) corrobore l'apparition d'un concurrent (Y), cela signifie que le processus de changement est en cours et l'expression (Y) tend à se stabiliser afin d'être plus fortuite que (X) dans le contexte social » (ibidem). O que significa que a variante terminológica concorrente vai ganhando estabilidade sócio-discursiva e, conseqüentemente, a outra a que se opõe vai perdendo expressão pelo que surge esporadicamente.

Por conseguinte, *Faulstich* denomina as variantes concorrentes de variantes formais; isto é, são “une forme linguistique ou une forme exclusive du registre qui correspond à une des possibilités de dénomination pour un même référent, pouvant concourir dans un contexte donné » (Faulstich 1999 : 11). Deste modo, *Faulstich* prevê que as variantes formais se subclassificam em variantes formais terminológicas linguísticas, assim como em variantes formais terminológicas de registo.

As variantes formais terminológicas linguísticas que, por sua vez, também “são aquelas cujo fenómeno lingüístico determina o processo de variação” (Faulstich 1998: 6), classificam-se em variante terminológica fonológica, variante terminológica morfológica, variante terminológica gráfica, variante terminológica lexical e variante terminológica sintáctica.

As variantes formais terminológicas de registo, que a autora define como sendo “aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos” (Faulstich 1998: 7), dividem-se em variante terminológica geográfica, variante terminológica de discurso e variante terminológica temporal.

As variantes terminológicas co-ocorrentes são identidades dotadas de duas ou mais denominações em relação a um referente idêntico e, como tal, asseguram quer a progressão de discurso, quer a coesão lexical. Por outro lado, *Faulstich* atribui às variantes terminológicas compatibilidade semântica mútua, pelo que, sob o seu ponto de vista, formalizam a sinonímia terminológica. Fenómeno terminológico que a autora define como sendo a relação estabelecida entre “le sens de deux termes ou plus qui ont des significés identiques et qui peuvent concourir dans un même contexte, sans qu'il y ait changement sur le plan du contenu » (Faulstich, 1999 : 12).

As variantes terminológicas competitivas, sob uma perspectiva geral, relacionam o empréstimo externo, em termos de forma, com as formas lexicais vernaculares, as formas

lexicais híbridas, os decalques e, até mesmo, os estrangeirismos. Na realidade, *Faulstich* defende que estas variantes terminológicas vêm suprir as necessidades lexicais da língua que acolhe o empréstimo.

A semelhança dos autores que precedem *Faulstich* nos moldes expostos nesta dissertação, *Faulstich* coaduna-se com uma linha teórica que se opõe à TGT. Com efeito, e sob uma perspectiva socioterminológica, *Faulstich* recupera a ideia de que a variação é também um fenómeno terminológico, pelo que o aceita assim como reivindica que o seu estudo (descrição e análise) deve ser desenvolvido no âmbito da terminologia.

Assim, a teoria da variação terminológica de *Faulstich* pode ser resumida da seguinte forma: “como a terminologia faz parte da língua, é passível de variação, o que implica a possibilidade de se identificar variantes dentro de um mesmo contexto, ou em diferentes contextos em que um termo é usado” (Angotti 2007: 32).

5. Descrição de alguns estudos

Paralelamente aos estudos variacionistas desenvolvidos por *Faulstich*, desde 1995, têm sido realizados muitos estudos no âmbito da variação terminológica, muitos dos quais não contemplados na presente dissertação.

Dentro dos estudos aqui contemplados, a nosso ver, um dos mais relevantes é o estudo de *Daille et al* (1996) no qual verificamos uma preocupação em descrever o fenómeno da variação, assim como uma preocupação em estabelecer uma base teórica que sustente a formalização do seu estudo.

De acordo com o que apurámos, este estudo não só reitera a existência de variação terminológica, mas também ressalva que em termos de variação terminológica persiste uma lacuna, ou seja “a precise linguistic description to be done” (Daille e al 1996: 2).

Ulteriormente, partindo do pressuposto que “terms are subject to different kinds of changes” (Daille et al 1996: 2), este estudo pretende observar empiricamente as variantes terminológicas de modo a chegar a uma descrição e a uma formalização de regras linguísticas, ou seja: “this study aims to giving at giving a good picture of the phenomenon through its observation in corpora and at providing the reader with a formal toolbox” (Daille e al. 1996: 4).

Consequentemente, este estudo define variante terminológica, do seguinte modo: “a variant of a term is an utterance which is semantically and conceptually related to an original term” (ibidem).

Para a observação das variantes terminológicas a realizar em corpora, os autores deste estudo identificaram previamente três categorias de variações terminológicas: a variação inflexional, a variação sintáctica e a variação morfo-derivacional.

Dando, de certo modo, continuidade ao estudo de *Daille et al* (1996) e na linha da perspectiva léxico-semântica, *L’Homme* (2004), ainda que não apresente um estudo empírico confinado à variação terminológica, prima pela exposição de dados teóricos inerentes à questão que nos parecem essenciais.

Um desses dados teóricos tem que ver com a definição do fenómeno de variação terminológica, isto é: “La variation formelle des termes dans les textes est appelée variation terminologique” (*L’Homme* 2004: 73). Mais, *L’Homme* considera que a variação terminológica “concerne les changements qu’un terme subit dans les textes spécialisés. Ces changements sont fonction de son utilisation en contexte linguistique » (*L’Homme* 2004 : 74).

Assim, *L’Homme* apresenta uma tipologia de variantes terminológicas que, por sua vez, se encontra subdividida em: variantes gráficas, variantes flexionais, variantes sintácticas fracas e variantes morfossintácticas.

Na sequência da exposição dos estudos de *Daille et al* (1996) e de *L’Homme* (2004), podemos inferir que ambos constatarem a existência de variação terminológica, assim como se são oponentes à Teoria Geral da Terminologia.

Concluimos, de igual modo, que ambos os estudos confluem no sentido de orientar os estudos da variação em terminologia para uma vertente mais linguística. Por isso, as suas tipologias de variantes reflectem fórmulas linguísticas que, por seu turno, permitem prever e identificar alguns tipos de variantes terminológicas linguísticas.

Não obstante as referidas analogias entre os dois presentes estudos, podemos constatar que em termos teóricos *Daille et al* (1996) se concentram na delimitação do conceito de variante terminológica em detrimento do de variação terminológica. Inversamente, *L’Homme* (2004) detém-se mais na delimitação da variação terminológica, abstendo-se de delimitar o conceito de variante terminológica.

Em comparação com aos estudos discorridos previamente, têm também surgido outros estudos no âmbito da Variação Terminológica decorrentes de novas abordagens à Terminologia: como é o caso da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

A TCT, tal como os estudos que invocámos anteriormente, também procura romper com a TGT. Assim, a TCT não só admite a existência de variação nas línguas de especialidade (cf. Cabré 1996) como também se propõe implementar uma Teoria da Variação Terminológica (cf. Cabré e Freixa e Kostina 2002).

Embora a TCT seja uma abordagem terminológica que adquire estatuto teórico e metodológico em 1999, supomos que os prolegómenos de uma teoria da variação terminológica se encontram patentes em *Cabré* (1996) com a proposta de premissas básicas com o intuito de definir a variação e, posteriormente, classificá-la.

Em resultado da classificação apresentada, *Cabré* (1996) antevê a existência de três tipos de variação: a variação entre línguas, “que incluye el análisis de la tipología lingüística” (Cabré 1996: 2); a variação numa mesma língua, “basicamente los cambios históricos, que se traducen en el tema de la evolución de las lenguas, incluidas la aparición y desaparición de lenguas vivas” (ibidem); e variação grupal ou individual, “dentro de una misma comunidad lingüística, fundamentalmente ligada o bien a las características de los hablantes o a las situaciones de comunicación” (ibidem).

Aparentemente, é na terceira classificação que se encontra contemplada a variação terminológica. Todavia, *Cabré* (1996) não aprofunda a questão (relação variação e terminologia), detendo-se apenas em observações de facto: em primeiro lugar, relembra que a TGT, ao sustentar o princípio de univocidade, não tem em consideração fenómenos como a variação; constata que a observação do uso real que os profissionais fazem dos termos permite inferir que “una noción puede ser expresada (y de haco casi siempre lo es) por varias denominaciones, que varían en función de los parámetros dialectales, comunicativos y estilísticos que, en menor grado que en la comunicación general, rige también la comunicación especializada” (Cabré 1996: 10).

Por outro lado, *Cabré* (1996) remete para a linguística a função de reflectir sobre a variação, já que “suponemos que pueden contribuir a la ensanchar los límites de la gramática y a explicar dentro de ella la terminología” (Cabré 1996: 13).

Mais tarde, de acordo com os postulados teóricos da TCT, *Cabré* e a sua equipa avançam com duas ideias-chave: a variação terminológica consiste num “hecho real y

observable” (Cabré, Freixa e Kostina 2002: 2), assim como consiste na “variación que afecta els termes” (Freixa 2002: 53).

Por sua vez, a TCT distingue dois tipos de variação terminológica: a variação denominativa e a variação conceptual.

A variação denominativa é “aquella que afecta las denominaciones” (Cabré, Freixa e Kostina 2002: 2), ou seja equivale a um fenómeno “pel qual a una mateixa nocío li corresponen diverses denominaciones” (Freixa 2002: 54).

Doutro modo, o conceito de variação denominativa, proposta pela TCT, “can be defined as the phenomenon in which one and the same concept has different denominations; this is not just any formal variation (variation between a term and periphrasis, or a definition, for example), but is restricted to variation among different denominations, i.e., lexicalized forms, with a minimum of stability and consensus among the users of units in a specialized domain” (Freixa 2006: 51).

A variação conceptual é “aquella que afecta a los conceptos” (Cabré, Freixa e Kostina 2002: 2), ou seja “por variación conceptual, fenómeno poço estudiado en la lingüística, entedemos toda clase de heterogeneidades que se dan en el plano de contenido de un término. La VC ocurre en el plano de contenido, pêro afecta también el plano de expresión. Es deci, la variación conceptual afecta tanto la forma com el contenido de un término” (ibidem).

A par da necessidade de afirmação de existência e de descrição da variação terminológica, o fenómeno da variação terminológica também tem sido estudado sob a perspectiva da causalidade. Por outras palavras, constatamos que alguns estudiosos têm-se debruçado sobre a relação entre as causas e os efeitos da variação terminológica sendo que observaram que “le choix d’une variante par uns científique dans la rédaction d’un texte peut certes, dans certains cas, ne pas être motivé, mais il convient de rappeler, comme l’ont fait Bowker et Hawkins (2006), ainsi que Freixa (2006), que la variation terminologique peut être justifiée” (Arlin, Depeirre, Levard e Rougemont 2006: 85).

Nesse sentido, *Freixa* (2002), (2005), (2006) procurou sistematizar, ao apresentar uma tipologia das causas da variação denominativa, os factores que determinam a ocorrência de alguns tipos de variação denominativa.

De acordo com *Freixa*, as causas da variação denominativa em textos de especialidade podem ser de ordem preliminar, “some characteristics and behavior of language, such as linguistic redundancy or arbitrariness of linguistic sign, may be considered as preliminary causes because they allow variation to exist” (Freixa 2006: 53); dialectal, “caused by different

origins of the authors” (Freixa 2006: 52); funcional, “caused by different communication registers” (ibidem); discursiva, “caused by different stylistic and expressive needs of the authors” (ibidem); interlinguística, “caused by contact between languages” (ibidem); e cognitiva, “caused by different conceptualisation and motivations” (ibidem).

Por último, *Bowker e Hawkins* (2006) propõem-se identificar as tipologias decorrentes da variação linguística em textos médicos no intuito de apurar a motivação subjacente à escolha de uma determinada variante terminológica sendo que crêem que “discovering the motivations behind a term choices is important both for theoretical and practical reasons” (Bowker e Hawkins 2006: 82).

Por outras palavras, os autores consideram que o estudo da variação terminológica na óptica das suas motivações não só pode contribuir para determinar “the extent to which lexicalization is the reflection, in language, of the mental processes involved in concept formation and association” (ibidem), mas também “it will be a great help not only to experts who wish to ensure that they communicate their ideas clearly to other experts, but also to those involved in disciplines such as translation and terminology” (ibidem).

No que concerne a tradução e a terminologia, *Bowker e Hawkins* sublinham que a importância do estudo da variação terminológica sob a óptica das suas motivações tem que ver com o facto de este consistir numa ferramenta cujo objectivo é de “avoid misunderstanding the intended concepts and thus to avoid mistranslating them” (ibidem).

Os autores assumem que existem três tipos de motivação aquando da escolha de uma dada unidade terminológica: motivação conceptual, motivação linguística e motivação social.

De acordo com os resultados obtidos, os estudiosos chegam a duas conclusões: “variation is not necessarily the result of carelessness on the part of the subject field expert” (Bowker e Hawkins 2006: 101); “it appears that medical experts generally make an effort to formulate their expressions their expressions carefully based on a combination of conceptually, linguistically and socially motivated factors” (ibidem).

Assim, os profissionais da língua devem “learn to recognize the patterns that lie beneath linguistic variation so that they do not standardize terminology and thereby distort the intended meaning of the text” (ibidem).

O fenómeno da variação terminológica, de acordo com a literatura subordinada ao tema descrita, tem surgido frequentemente nos estudos terminológicos. O que, a nosso ver, traduz consensualidade teórica acerca da existência do fenómeno terminológico em causa.

Por outro lado, a literatura descrita, permite-nos igualmente constatar que existem inúmeras questões teóricas subjacentes ao fenómeno da variação terminológica que remetem para alguma falta de consensualidade que, por sua vez, supomos que pode de algum modo constituir um obstáculo teórico e metodológico para quem deseje debruçar-se sobre os estudos variacionistas em terminologia

6. Variação terminológica formal

Na sequência da tentativa teórica entender os conceitos inerentes ao fenómeno da variação terminológica, julgamos que já podemos apresentar o tipo de variação terminológica visada na presente dissertação.

Assim, o tipo de variação terminológica visada é a “variação terminológica formal” que em diversos aspectos coincide com a tipologia de variantes terminológica de *Faulstich*, com a tipologia de variação terminológica de *Freixa* e com a definição de variação terminológica e tipologia de variantes terminológicas de *L’Homme*.

Doutro modo, assemelha-se conceptualmente com o subtipo de tipologia de de variantes terminológica de *Faulstich* denominado de “variante concorrente” e \ou variante terminológica formal; tem que ver com a sub-tipologia de variação terminológica da *TCT* chamada de variação denominativa; converge com a definição de variação terminológica e com a tipologia de variantes terminológicas de *L’Homme*.

Em suma, a variação terminológica que pretendemos descrever é do tipo de variação terminológica denominada de variação terminológica formal sendo que partimos do princípio que a variação terminológica diz respeito a uma relação puramente formal entre dois, ou mais, termos: um termo de fonte e variante (s).

Por sua vez, neste tipo de relação [fonte e variante] não pode ser produzido “un nouveau terme, mais seulement une forme différente d’un terme déjà existant” (Collet 2000: 231). Ou seja: a variação terminológica formal baseia-se no “rapport: référents variante = référents source” (Collet 2000: 232).

Por isso, a variação terminológica formal, aqui, sustentada “signale qu’il n’existe plus une correspondance de type bi-univoque entre le terme et la notion qu’il dénomme, la forme canonique se métamorphosant, en discours, en un certain nombre de variantes » (Collet 2000 : 231).

7. Tipologia da variação terminológica formal

De modo a analisar a variação terminológica formal no âmbito do corpus textual TAR, tivemos de classifica-la em subtipos. Para chegarmos aos subtipos referidos, baseamo-nos nas tipologias de *Faulstich* (1999), de *Freixa* (2002) e de *L'Homme* (2004) (cf. Anexo 1, anexo 2 e anexo 3).

Todavia, as tipologias apresentam divergências entre si e os nossos posicionamentos, pelo que confrontamos as mesmas – atendendo à nossa postura teórica – de modo a chegar a uma consensualidade face à tipologia e demais conceitos que iremos adoptar aquando da análise dos dados terminológicos constantes do corpus textual TAR.

Tendo em conta as tipologias da variação terminológica previamente referidas, a tipologia que adoptamos, para a identificação e análise dos casos de variações terminológicas formais, corresponde a uma fusão teórica das três tipologias de variação terminológica.

Assim sendo, a tipologia de variação terminológica formal (ver quadro) subdivide-se nos subtipos das variações terminológicas formais gráficas, das variações terminológicas formais morfológicas, das variações terminológicas formais morfossintácticas e das variações terminológicas formais lexicais.

Doutro modo, adoptamos o subtipo da variação terminológica formal gráfica, na acepção de *Faulstich*, de *L'Homme* que por sua vez, corresponde conceptualmente à subcategoria das variações gráficas de *Freixa* (2002) denominada variações ortográficas.

Seguidamente, contemplamos a categoria das variantes morfológicas de *Faulstich* a qual não se coaduna com nenhuma das categorias de variações terminológicas propostas quer por *Freixa*, quer por *L'Homme*.

Posteriormente, consideramos o subtipo da variação morfossintácticas que consiste quer na proposta das variantes sintácticas de *Faulstich*, quer na proposta das variantes flexionais, das variantes sintácticas e das variantes morfossintácticas de *L'Homme* e quer na proposta de variações morfossintácticas de *Freixa*.

Por último, teremos em conta a categoria das variações lexicais que traduz a categoria das variantes lexicais de *Faulstich* e, simultaneamente, a categoria das reduções e a subcategoria das variações gráficas denominada de termo e abreviações de *Freixa*.

Assim, a nossa proposta de tipologia de variação terminológica formal é a seguinte:

TIPOLOGIA DA VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA FORMAL	<ul style="list-style-type: none">• Variação Terminológica formal gráfica
	<ul style="list-style-type: none">• Variação Terminológica formal morfológica
	<ul style="list-style-type: none">• Variação terminológica formal morfossintáctica
	<ul style="list-style-type: none">• Variação terminológica formal lexical

Quadro 1: Proposta de tipologia da variação terminológica formal

CAPITULO IV – OBSERVAÇÃO DA VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA FORMAL

1. Selecção das unidades terminológicas

O objectivo, que subjazeu a selecção das unidades terminológicas do corpus textual TAR, relaciona-se com o levantamento de dados terminológicos que nos permitam observar e descrever a forma como as unidades terminológicas variam formalmente no interior do texto.

Assim sendo, tivemos como critério de selecção das unidades terminológicas a frequência, ou seja: as unidades terminológicas objecto de selecção são aquelas cuja frequência é mais elevada no corpus textual TAR. Ver gráfico:

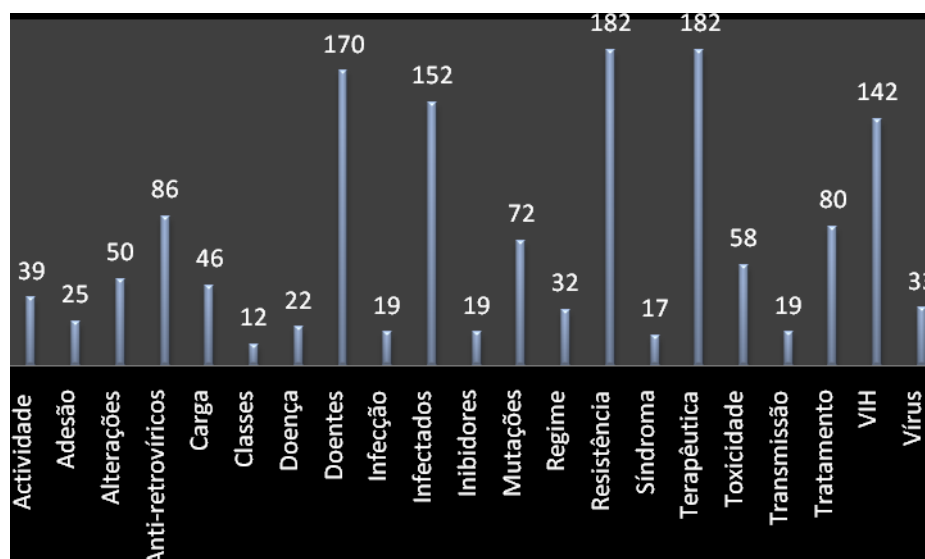


Gráfico 2: Unidades terminológicas seleccionadas e respectivas frequências

2. Identificação dos casos de variação terminológica formal

Posteriormente, de modo a identificar os subtipos de variação terminológica formal ocorrentes no corpus textual TAR, usámos o programa CONCAPP que, por sua vez, nos permitiu obter as concordâncias e os contextos (expandidos para a direita e para a esquerda) em que unidades terminológicas seleccionadas estão inseridas

Munidos das concordâncias e dos contextos das demais unidades terminológicas, procedemos a uma análise terminológica e linguística tendo como pano de fundo a tipologia da variação terminológica formal proposta no capítulo anterior.

De acordo com uma análise baseada na tipologia de variação terminológica formal, identificámos 42 casos de variações terminológicas formais, ou seja: 3 casos de variações terminológicas formais gráficas; 2 casos de variação terminológica formal morfológica; 16 casos de variações terminológicas formais morfossintáticas e 21 casos de variações terminológicas formais lexicais. Ver gráfico:

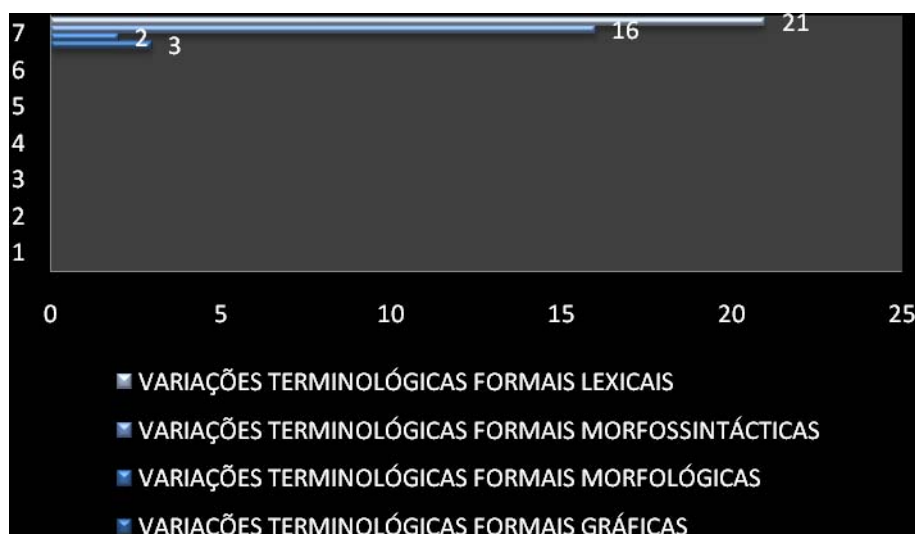


Gráfico 3: Número de casos e classificação por subtipos das variações terminológicas formais no corpus textual TAR.

Dentre dos casos de variações terminológicas formais ocorrentes no corpus textual TAR, os que mais suscitaram o nosso interesse encontram-se no subtipo da variação terminológica formal lexical sendo que ocorre com mais frequência.

Com vista a debruçar-nos sobre a questão dos casos de variações terminológicas formais lexicais, desdobramos a presente subtipo de variação terminológica formal em duas categorias de análise: variações terminológicas formais lexicais por redução e por expansão. Ver quadro:

SUBTIPOS DE VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA FORMAL LEXICAL	• POR REDUÇÃO	• POR SIGLAÇÃO
		• POR ACRONÍMIA
		• POR REDUÇÃO DA BASE
		• POR REDUÇÃO DA EXTENSÃO
	• POR EXPANSÃO	• POR EXPANSÃO DA BASE
		• POR EXPANSÃO DA EXTENSÃO

Quadro 2: Subtipos de variação terminológica formal lexical.

As variações terminológicas formais lexicais por redução sintetizam a ideia de que “debido a que los rasgos o componentes formales y de contenido de la primera variante (VD1) se condensam y sintetizan en la segunda variante” (De la Torre 2004: 208).

Dentro desta categoria prevemos a existência de quatro subtipos: a redução por siglação que ocorre quando forma canónica se condensa numa sigla (ver exemplo 1); a redução por acronímia que surge quando a forma canónica se transforma num acrónimo (ver exemplo 2); a redução da base que consiste na supressão do primeiro, ou dos primeiros, elemento da forma canónica da forma variante; a redução da extensão que se baseia na omissão do último, dos últimos, elementos da forma canónica da forma variante (ver exemplo 3).

- Exemplo 1:

Forma canónica	Forma variante
Vírus da imunodeficiência humana	VIH

- Exemplo 2:

Forma canónica	Forma variante
Síndrome da imunodeficiência adquirida	SIDA

- Exemplo 3:

Forma canónica	Forma variante
Carga vírica ARN – VIH	Carga vírica

- Exemplo 4:

Forma canónica	Forma variante
Vírus da imunodeficiência humana	VIH

As variações terminológicas formais lexicais por expansão implicam “la ampliación de elementos formales y / o de contenido que no están presentes en la primera variante y está vinculada a la explicación porque mediante este proceso se intenta dar a conocer un objeto de manejar clara y precisa” (De la Torre 2004: 191).

A presente categoria subdivide-se em dois subtipos: a expansão da base que consiste na inserção de um elemento lexical, ou vários, antes do primeiro elemento da forma canónica da forma variante (ver exemplo 5); a expansão da extensão que se baseia na inserção de um elemento lexical, ou de vários, após o último elemento da forma canónica da forma variante (ver exemplo 6).

- Exemplo 5:

Forma canónica	Forma variante
Infectados por VIH	Indivíduos infectados por VIH

- Exemplo 6:

Forma canónica	Forma variante
Infeção aguda	Infeção aguda por VIH

Tendo em conta as categorias de análise dos subtipos de variação terminológica formal lexical, observámos que os 21 casos de variação terminológica formal lexical distribuem-se em: 5 casos de redução por siglação, 7 casos de redução da extensão, 4 casos de expansão da base e 5 casos de expansão da extensão, conforme pode ser observado no seguinte gráfico:

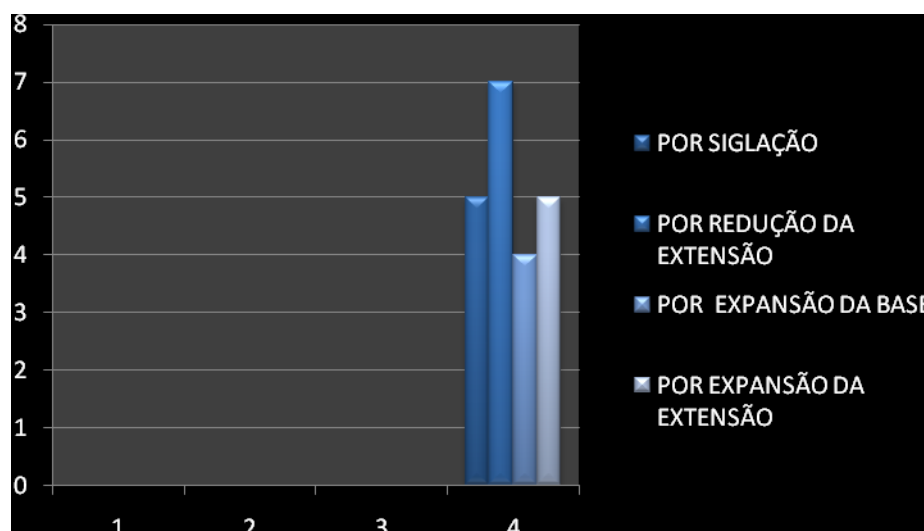


Gráfico 4: classificação e número de casos de variações terminológicas no corpus textual TAR

Outrossim, verificamos que, dos seis subtipos de variações terminológicas formais lexicais, dois se encontram ausentes do corpus textual TAR, ou seja: o da redução da base e o da redução por acronímia.

Observamos, de igual modo, que o subtipo de variação terminológica lexical mais frequente é subtipo por redução da extensão e o menos frequente é o da expansão da base.

Relativamente aos dois outros subtipos, constatamos que tanto a redução por siglação e a expansão da extensão ocorrem com a mesma frequência.

Na sequência da apresentação dos resultados meramente quantitativos, procederemos à descrição dos resultados obtidos no âmbito das variações terminológicas formais lexicais identificadas no corpus textual TAR de modo a descrever os processos linguísticos e terminológicos que lhes subjazem.

CAPITULO V – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

1. Forma de apresentação das variações terminológicas formais lexicais

Tendo em conta os resultados quantitativos obtidos, as variações terminológicas formais lexicais serão apresentadas de acordo com duas categorias: por redução e por expansão. A categoria da redução contemplará as subcategorias por siglação e da por redução da extensão. A categoria da expansão contemplará as subcategorias por expansão da base e por expansão da extensão. Seguidamente, cada uma das subcategorias será representada numa tabela.

A tabela de apresentação das subcategorias terá quatro campos: o campo da unidade terminológica; o campo do exemplo que é constituído por duas unidades terminológicas: a primeira é a unidade terminológica na sua forma canónica e ocorrente em primeiro lugar no corpus textual TAR e a segunda unidade terminológica trata-se da forma variante da primeira unidade terminológica; o campo do contexto que especifica os contextos textuais em ocorrem a forma canónica e a forma variante; e o campo da tipologia que se trata da apresentação da estrutura lexical quer da forma canónica, quer da forma variante.

Posteriormente, cada uma das categorias de variação terminológica formal lexical será objecto de descrição linguística e terminológica.

2. Descrição das variações terminológicas formais lexicais

2.1. Por redução

2.1.1. Redução por siglação

Unidade terminológica	INIBIDORES	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none">• Inibidores da protease• IP	<ul style="list-style-type: none">• Quando os inibidores da protease (IP) se tornaram• A combinação entre IP e ANNITR é atractiva, porque a	[nome ₁ + det. + nome ₂] = [sigla]
<ul style="list-style-type: none">• Inibidores da	<ul style="list-style-type: none">• de vida do	[nome ₁ +det. + nome ₂ +adj.]

<ul style="list-style-type: none"> transcriptase reversa • ITR 	<p>vírus, isto é, os <u>inibidores</u> da transcriptase reversa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • com <u>inibidores</u> da transcriptase reversa (ITR) • Para além dos <u>ITR</u> e dos IP, existe já uma nova c 	= [sigla]
<ul style="list-style-type: none"> • Nucleósidos inibidores da transcriptase reversa • NITR 	<ul style="list-style-type: none"> • Resistência aos nucleósidos <u>inibidores</u> da transcriptase reversa • Efeitos tóxicos dos <u>NITR</u> 	[nome1 + adj.1 + det. + nome2 + adj.2] = [sigla]
<ul style="list-style-type: none"> • Não nucleosídeos inibidores da transcriptase reversa • NNITR 	<ul style="list-style-type: none"> • não nucleosídeos <u>inibidores</u> da transcriptase reversa (ANNITR) • interacções farmacológicas entre <u>NNITR</u> e outros fármacos 	[adj.1 + adj.2 + det. + nome.1 + adj.3] = [sigla]

Unidade terminológica	VÍRUS	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Vírus da imunodeficiência humana = VIH 	<ul style="list-style-type: none"> • etiológico da infecção por <u>vírus</u> da imunodeficiência humana (VIH) • O processo de entrada do <u>VIH</u> nas células TDC4+ parece estar 	[nome ₁ + det. + nome ₂ + adj.] = [sigla]

Os exemplos ilustrados, nos quadros anteriores, têm como denominador comum o facto de se inscreverem no subtipo da redução por siglação, pelo que linguística e

terminologicamente a forma canónica de cada um dos exemplos foi objecto de um tipo de redução que deu lugar a uma forma variante expressa em sigla. Acresce-se que o processo de siglação foi idêntico em todos os casos, ou seja: à excepção feita aos caracteres iniciais da forma canónica, os restantes sofreram um apagamento.

2.1.2. Redução da extensão

Unidade terminológica	ADESÃO	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> Adesão do doente à terapêutica = adesão do doente 	<p>e, por consequência, melhor <u>adesão</u> do doente à terapêutica. Em relação à <u>adesão</u> do doente não basta diminuir</p>	<p>[nome₁ + det. + nome₂ + det. + nome₃] = [nome₁ + det. + nome₂]</p>
<ul style="list-style-type: none"> Boa adesão à terapêutica anti-retrovírica = boa adesão 	<p>haja a expectativa de boa <u>adesão</u>, à terapêutica anti-retroviral mesmo em doentes com boa <u>adesão</u>.</p>	<p>[adj.₁ + nome₁ + det. + Nome₂ + adj.₂] = [adj.₁ + nome₁]</p>

Unidade terminológica	CARGA	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> Carga vírica ARN – VIH = Carga vírica 	<ul style="list-style-type: none"> e com níveis elevados de <u>carga</u> vírica ARN-VIH A <u>carga</u> vírica continua a diminuir ao 	<p>[nome + adj. + sigla₁ + sigla₂] = [nome + adj.]</p>

Unidade terminológica	INFEÇÃO	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Infecção crónica por VIH • Infecção crónica 	<p>indivíduos com <u>infecção</u> crónica por VIH.</p> <p>pesquisa mas em doentes com <u>infecção</u> crónica, encontrando vírus</p>	<p>[nome + adj. + prep. + sigla] =[Nome+ adj.]</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Infecção primária VIH • Infecção primária 	<p>nti-retrovírica no decurso da <u>infecção</u> primária VIH. Porém, muitas vezes a <u>infecção</u> primária não é reconhecida,</p>	<p>[nome + adj.. +sigla] =[Nome+ adj.]</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Infecção por vírus da imunodeficiência humana • Infecção VIH 	<ul style="list-style-type: none"> • O tratamento etiológico da <u>infecção</u> por vírus da imunodeficiência humana • em estádios avançados da <u>infecção</u> VIH, demonstraram 	<p>[nome₁ + prep + nome₂ +adj.] = [nome₁ +sigla]</p>

Unidade terminológica	TERAPÊUTICA	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Terapêutica anti-retrovírica • Terapêutica 	<p>o início imediato da <u>terapêutica</u> anti-retrovírica com AZT</p> <p>temporariamente, o início da <u>terapêutica</u> em doentes em que se identifique</p>	<p>[nome + adj.] = [nome]</p>

Regra geral, observámos que este subtipo de redução tem como forma canónica uma unidade terminológica multilexémica que aquando do processo de variação é objecto de apagamento do último elemento lexical, ou dos últimos.

Não obstante a analogia referida neste subtipo de redução, verificamos que dentro dos sete exemplos apresentados existem certas particularidades. Ou seja: existe um caso de redução da extensão por siglação.

2.2. Por expansão

2.2.1. Por expansão da base

Unidade terminológica	ANTI-RETROVÍRICOS	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Anti-retrovíricos • Medicamentos anti-retrovíricos 	<p>a, pelos efeitos adversos dos <u>anti-retrovíricos</u>.</p> <p>Em relação aos medicamentos <u>anti-retrovíricos</u>, foram estudadas,</p>	<p>[nome₁] = [nome₂ + nome₁]</p>

Unidade terminológica	INFECTADOS	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Infectados por VIH • Indivíduos infectados por VIH 	<ul style="list-style-type: none"> • benefícios clínicos nos <u>infectados</u> por VIH, em estádios avançados • estas células, nos indivíduos <u>infectados</u> por VIH. 	<p>[adj. + prep. + sigla] = [nome + adj. + prep. + sigla]</p>

Unidade terminológica	INIBIDORES	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Nucleósidos inibidores da transcriptase reversa • Análogos nucleósidos da transcriptase reversa 	<ul style="list-style-type: none"> • Resistência aos nucleósidos <u>inibidores</u> da transcriptase reversa (NITR) • com os análogos nucleósidos <u>inibidores</u> da transcriptase reversa (NITR) 	<p>[nome1 + adj1 + det. + nome2 + adj2] = [nome + nome1 + adj1 + det. + nome2 + adj2]</p>
<ul style="list-style-type: none"> • não-nucleósidos inibidores da transcriptase reversa • análogos não-nucleósidos inibidores da transcriptase reversa 	<ul style="list-style-type: none"> • resistência aos não-nucleósidos <u>inibidores</u> da transcriptase reversa (ANNI) • Os análogos não-nucleósidos <u>inibidores</u> da transcriptase reversa (ANNI) 	<p>[adj.1 + nome.1 + det. + nome.2 + adj.2] = [nome + adj.1 + nome.1 + det. + nome.2 + adj.2]</p>

Os quatro exemplos apresentados têm em comum o facto da base da forma canónica ter sido objecto da inserção de um novo elemento lexical antes do seu primeiro elemento. Todavia, observámos que o processo de inserção foi variável em termos de categoria gramática, isto é: em dois casos observámos que o elemento lexical inserido pertence à categoria gramatical dos adjectivos, ao passo que, nos outros dois casos, o elemento lexical inserido pertence à categoria gramatical dos nomes.

2.2.2. Por expansão da extensão

Unidade terminológica	INFECCÃO	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Infecção aguda • Infecção aguda por VIH 	<ul style="list-style-type: none"> • terapêutica anti-retrovírica na infecção aguda. • A evidência da infecção aguda por VIH assenta na deteção 	[Nome ₁ + adj.] = [nome ₁ + adj. + prep. +sigla]

Unidade terminológica	INFECTADOS	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Co-infectados por VHB ou por VHC = Co-infectados por vírus das hepatites B e C 	doentes que se apresentem co-infectados com VHB ou VHC, ade são mais elevadas nos, co-infectados por virus das hepatites B e C,	[adj. + prep. + sigla ₁ + conj.+ prep. + sigla ₂] = [adj. + prep. + nome ₁ + det. + nome ₂ + letra ₁ +conj. +letra ₂]

Unidade terminológica	TRANSMISSÃO	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Transmissão perinatal = Transmissão perinatal da infecção por VIH 	<ul style="list-style-type: none"> • Este reduz o risco de transmissão perinatal, em 60%, • quemas de quimioprofilaxia da 	[[nome ₁ + adj.] = [nome ₁ + adj. +det + nome ₂ + prep. + sigla]

	<u>transmissão</u> perinatal da infecção por VIH	
<ul style="list-style-type: none"> • Transmissão perinatal = Transmissão perinatal de VIH 	<ul style="list-style-type: none"> • Este reduz o risco de <u>transmissão</u> perinatal, em 60%, • Se bem que o risco de <u>transmissão</u> perinatal de VIH seja muito 	[[nome + adj.] = nome + adj. +det. + sigla]

Unidade terminológica	TRATAMENTO	
Exemplos	Contexto	Tipologia
<ul style="list-style-type: none"> • Tratamento da infecção por VIH • Tratamento da infecção por VIH /SIDA 	<ul style="list-style-type: none"> • concomitantemente, para o <u>tratamento</u> da infecção por VIH • e respectiva dose, para o <u>tratamento</u> da infecção por VIH/SIDA. 	[nome ₁ + det. + nome ₂ + prep. + sigla] = [nome ₁ + det.+ nome ₂ + prep. + sigla+acrón.]

Dentro dos cinco exemplos estudados, verificámos que todos foram objectos de expansão da extensão da forma canónica da unidade terminológica multilexémica. Todavia, pudemos observar que dentro do presente subtipo houve lugar para o surgimento doutros tipos. Doutra modo, constatamos dois casos de expansão da extensão por siglação; verificamos a existência de dois casos por expansão da extensão com base na extensão da sigla, bem como um caso por expansão da extensão por acronímia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo o presente trabalho, julgamo-nos detentores de dados adequados que nos ajudam a sustentar a tese inicial de que a terminologia da terapêutica anti-retrovírica, no âmbito do discurso de especialidade, suscita variação terminológica.

A primeira etapa do nosso trabalho consistiu em discorrer sobre a teoria e a metodologia da disciplina terminológica desde da sua fase incipiente até à actualidade.

Posteriormente, face à necessidade de nos inscrevermos teórica e metodologicamente por numa abordagem terminológica que se coadunasse com os nossos propósitos, optámos por entrelaçar teórico e metodologicamente a socioterminologia e a terminologia textual.

Por isso, passámos à constituição do corpus textual TAR tendo em conta critérios de ordem extralinguística e de ordem linguística.

Ulteriormente, e como o nosso propósito último consistia em descrever o fenómeno da variação terminológica, propusemo-nos fazer uma resenha bibliográfica subordinada à questão.

Com os dados bibliográficos estudados, concluímos que *Wüster* reconhecia o fenómeno da variação terminológica, assim como concluímos que actualmente a variação terminológica é estudada sob diversas vertentes (das causas, dos processos).

Por outro lado, verificámos que ainda que estudada amiudadamente, a variação terminológica suscita algumas teóricas: quer em termos de harmonização terminológica, quer em termos da sua delimitação enquanto fenómeno.

Optámos por analisar a variação terminológica, abordando um modelo teórico de variação terminológica formal cujos subtipos classificamos e descrevemos, sob uma perspectiva linguística e terminológica, no âmbito do corpus textual TAR.

No subtipo mais frequente, no corpus textual TAR, tratámos a variação terminológica formal lexical. Por isso, debruçamo-nos sobre o mesmo, chegando à conclusão de que as variações mais recorrentes eram as variações por redução da extensão; seguidas das variações por redução por siglação e das variações de expansão da extensão.

Os resultados obtidos permitiram-nos inferir que existe variação terminológica formal no âmbito do corpus textual TAR.

Em termos de TAR e de terminologia, não só porque suscita ambiguidade terminológica, mas porque se trata de uma área de especialidade de extrema importância

para as pessoas que vivem com VIH / sida, a TAR e o resto do domínio da infecção VIH / sida deve ser objecto de estudo da terminologia, quer por questões de ordem científica, quer por uma questão de compromisso social.

Assim, julgamos ser necessário propor a concepção de uma base de dados terminológica no âmbito da infecção VIH / sida de modo a responder às necessidades terminológicas quer das pessoas afectadas pela infecção, quer colmatar as necessidades dos profissionais de saúde que lidam quotidianamente com a infecção e com a doença.

BIBLIOGRAFIA

A. TERMINOLOGIA

- **ANGOTTI**, Mary Lourdes de Oliveira (2007) “Equivalência conceitual na terminologia dos textos de bulas de medicamentos”. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília [em linha]. [acedido em 05-12-2009]. Disponível na [www: < URL: http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1367](http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1367)
- **ARLIN**, N; **DEPIERRE**, A; **LERVAD**, S; **ROUGEMONT**, C (2006) “Réflexions sur la variation. Le cas dans le domaine médical». In LSP & Professional Communication. Volume 6. N° 2 [em linha]. [acedido em 01-12-2010]. Disponível na [www: < URL: http://rauli.cbs.dk/index.php/LSP/article/viewFile/2084/2083](http://rauli.cbs.dk/index.php/LSP/article/viewFile/2084/2083)
- **BARROS**, Lídia; **DE JESUS**, Ana Maria (2005) “A variação terminológica no português no domínio da Terminologia” [em linha]. [acedido em 05-12-2009] Disponível na [www: < URL: http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/3726/3481](http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/3726/3481)
- **BARROS**, Sérgio (2007) “Estudo da relação semântica entre hiperónimo e hipónimo para a construção automática de uma ontologia em terminologia computacional”. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH-UNL.
- **BORBUJO**, Arturo (2001) “Terminología y socioterminología”. IN Real, E., Jiménez, D., Pujante, D. y Cortijo, A. (eds.), Écrire, traduire et représenter la fête, Universitat de València, 2001, pp. 657-664.
- **BOURIGAULT**, Didier ; **SLODZIAN**, Monique (1999) « Pour une terminologie textuelle ». In Terminologies Nouvelles. In Terminologie et intelligence artificielle (actes du colloque de Nantes, 10-11 mai 1999), Vol. 19 (1999), pp. 29-32.
- **BOWKER**, Lynne; **HAWKINS**, Shane (2006) “Variation in the organization of medical terms. Exploring some motivations for term choice”. In Terminology 12:1, pp. 79 – 110.
- **CABRÉ**, M. Teresa (1993) “La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones”. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries.

- **CABRÉ, M. Teresa (1996)** "Lexicología y variación: hacia un modelo integrado". In: Actas del Simposio Iberoamericano de Terminología-RIITerm [em linha]. [accedido em 12-08-2009] Disponível na www: URL < www.unilat.org/dtil/MEXICO/cabre.html
- **CABRÉ, M. Teresa (1999)** La Terminología: Representación y Comunicación. Elementos para una Teoría de Base Comunicativa y otros Artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- **CABRÉ, M. Teresa (2003)** "Theories of terminology. Their description, prescription and explanation". In Terminology 9(2). Amsterdam: John Benjamins. p. 163-200.
- **CABRÉ, M. Teresa (2007)**. "La terminologie, une discipline en évolution : le passé, le présent et quelques éléments prospectifs". dins L'Homme, M.-C.; Vandaele, S. (dir.). Lexicographie et terminologie : compatibilité des modèles et des méthodes. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa. 79-109.
- **CABRÉ, M. Teresa.; FREIXA, Judit ; KOSTINA, Irina (2002)** "La variación terminológica en las aplicaciones terminográficas". In *Actas del VIII Simposio Iberoamericano de Terminología*. Cartagena de Indias (Colombia). [em linha] [accedido em 12-08-2009] Disponível na www: URL < <http://www.upf.edu/pdi/df/teresa.cabre/docums/ca02ko.pdf>
- **CANDEL, Danielle (2004)** "Wüster par lui-même". In Cortès (C) éd., Des fondements théoriques de la Terminologie, Cahiers du Ciel, 2004, p. 15 – 31.
- **COLLET, Tanja (2000)** « La réduction des unités terminologiques complexes de type syntagmatique ». Tese de Doutoramento. Montréal: Université de Montréal [em linha]. [accedido em 31-01-2010] Disponível na www: < URL: <http://www.collectionscanada.gc.ca/obj/s4/f2/dsk2/ftp03/NQ52100.pdf>
- **COLLET, Tanja (2004)** « Esquisse d'une nouvelle microstructure de dictionnaire spécialisé reflétant la variation en discours du terme syntagmatique ». Méta 49(2), pp. 247 – 263 [em linha]. [accedido em 31-01-2010] Disponível na www: < URL: <http://www.erudit.org/revue/meta/2004/v49/n2/009349ar.pdf>
- **CONDAMINES, Anne (2003)** « Sémantique et corpus spécialisés. Constitution de bases de connaissances terminologiques ». Habilitation pour Diriger les recherches en Science du Langage. Université de Toulouse.
- **CONTENTE, Madalena (2003)** "Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina". Tese de Doutoramento. Lisboa: FCSH – UNL.

- **COSTA, Rute (1993)** “Terminologia da Economia Monetária. Relações conceptuais e semânticas numa sistemática terminológica e lexicográfica”. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- **COSTA, Rute (2001)** “Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas”. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- **COSTA, Rute (2003)** “Constituição de corpora de especialidade”. Actas do Encontro da Associação de Linguística Portuguesa. Lisboa: Colibri.
- **COSTA, Rute (2005)** « Corpus de spécialité. Une question de types ou de genres ou de discours ». De la mesure dans les terme. Hommage à Philippe Thoiron. (eds. Henri Béjoint & François Maniez). Lyon : PUL, pp. 313 – 224.
- **COSTA, Rute (2006)** « Terme, texte et contexte ». In Actes des VIIes Journées scientifiques du Réseau Lexicologie, Terminologie et Traduction. “Mots, Termes et contextes”. Daniel Blampain / Philippe Thoiron / Marc Van Campenhoudt [ed.] Paris: Editions des archives contemporaines, pp. 79 – 88.
- **COSTA, Rute; SILVA, Raquel (2006)**. “Metodologia para a investigação aplicada em Terminologia”. Guião apresentado ao INE. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, pp. 15.
- **COSTA, Rute; SILVA, Raquel (2009)** « De la typologie à l’ontologie de texte ». Terminologies et Ontologies : Théories et Applications. Actes de la deuxième conférence - TOTh Annecy - 2008. Annecy: Institut Porphyre. Savoir et Connaissance.
- **COSTA, Rute; SILVA, Raquel; MARTINS, Susana (2006)** “Base de Conceitos Estatísticos do Instituto Nacional de Estatística. Turismo. Relatório Técnico Final apresentado ao INE a 12 de Dezembro”. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, pp. 33.
- **CRUZ, Sara Iveth Carreño (2004)** « Analyse de la variation terminologique en corpus parallèle anglais-espagnol et de son incidence sur l’extraction de termes bilingue ». Dissertação de Mestrado. Montréal: Universidade de Montréal.
- **DAILLE, Béatrice; HABERT, Benoît; JACQUEMIN, Christian; ROYAUTE, Jean (1996)** "Empirical Observation of Term Variations and Principles for their Description", *Terminology* , 3 (2), pp. 197-257.

- **DE LA TORRE**, María Mercedes Suárez (2004) «Análisis contrastivo de la variación denominativa. Del texto original al texto meta.» Tese de Doutoramento. Barcelona: Universidade Pompeu Fabra.
- **DELAVIGNE**, Valérie; **HOLZEM**, Maryvonne (2006) «L’approche socioterminologique. Théories, outils et pratiques». Conférence invitée à la journées textes et connaissances coorganisée par le groupe TIA et la conférence IC dans le cadre de la semaine de la connaissance. Nantes : 26 – 30 Juin de 2006.
- **FAULSTICH**, Enilde (1995) “Socioterminologia. Mais que um método de pesquisa, uma disciplina” [em linha]. [acedido em 03-01-2010]. Disponível na www: < URL: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/486/441>
- **FAULSTICH**, Enilde (1996) “Variações terminológicas. Princípios lingüísticos de análise e método de recolha” [em linha]. [acedido em 03-01-2010]. Disponível na www: < URL: <http://www.realiter.net/spip.php?article629>
- **FAULSTICH**, Enilde (1998) “Entre a sincronia e a diacronia. Variação no código e na língua” [em linha]. [acedido em 03-01-2010]. Disponível na www: < URL: <http://vsites.unb.br/il/liv/enilde//documentos/HAVANA98.pdf>
- **FAULSTICH**, Enilde (1999) «Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie» [em linha]. [acedido em 03-01-2010]. Disponível na www: < URL: <http://vsites.unb.br/il/liv/enilde//documentos/ArtTerminology.pdf>
- **FAULSTICH**, Enilde (2006) “A Socioterminologia na Comunicação Científica e Técnica” [em linha]. [acedido em 03-01-2010]. Disponível na www: < URL: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>
- **FELBER**, Helmut (1984), édition française 1987), «Manuel de terminologie». Paris, UNESCO, Infoterm. 375 p.
- **FREIXA**, Judit (2002) “La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d’especialització de l’àrea de medi ambient”. Tese de Doutoramento. Barcelona : Universidade Pompeu Fabra.
- **FREIXA**, Judit (2005) “Variación terminológica: ¿Por qué y para qué?”. Meta 50/4. [em linha]. [acedido em 05-12-2009] Disponível na www: < URL: <http://www.erudit.org/revue/meta/2005/v50/n4/019917ar.pdf>:
- **FREIXA**, Judit (2006) “Causes of denominative variation in terminology. A typology proposal”. In Terminology 12:1, pp. 51 – 77.

- **GAMBIER, Yves (1987)** « Problèmes terminologiques des pluies acides: pour une socioterminologie ». *Meta*, 32/3, 314-320 [em linha]. [acedido em 05-12-2009]
Disponível na www: < URL:
<http://www.erudit.org/revue/META/1987/v32/n3/002791ar.pdf>
- **GAMBIER, Yves (1991)**. “Présupposés de la terminologie: vers une remise en cause”. *Cahiers de linguistique sociale*, 18, 31-58.
- **GAUDIN, François (1993)** « Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles ». Rouen: les presses de l'Université de Rouen.
- **GAUDIN, François (2005)** « Point de vue d'un socioterminologue ». In Conférence TIA – 2005. Rouen, 4 et 5 avril 2005.
- **GAUDIN, François (2007)** « Quelques mots sur la socioterminologie ». In *Cahiers Rifal* [em linha] [acedido em 05 – 10 - 2009] Disponível na www: < URL:
<http://www.rifal.org/cahiers/rifal26/crf-26-03.pdf>
- **HOLZEM, Maryvonne (1998)** “ Approche scientométrique et socioterminologique des pluies acides comparaison de deux articles ”, *Les séminaires de l'ADEST*, <http://www.upmf-grenoble.fr/adept/seminaires/ADESTHolzem.htm>
- **HOLZEM, Maryvonne (2007)** « L'actualité de la socioterminologie où comment appréhender le sens ». In *terminologie approches transdisciplinaires*. Gatineau 2007 [em linha] [acedido em 05-10-2009]. Disponível na www: < URL:
<http://www.uqo.ca/terminologie2007/documents/Holzem.pdf>
- **HUMBLEY, John (2004)** « La réception de l'oeuvre d'Eugen Wuster dans les pays de langue française ». In Cortès (C) éd., *Des fondements théoriques de la Terminologie*, Cahiers du Ciel, 2004, p. 33 – 51.
- **HUMBLEY, John (2007)** « Vers une réception plurielle de la théorie de Wüster : une lecture commentée des avant-propos successifs du manuel Einführung in die allgemeine Terminologielehre ». In Larousse, *Genèses de la terminologie contemporaine (source et réception)*, Langages, 168, 2007, p. 82-91.
- **KOCOUREK, Rostilav (1991 a)** « La langue française de la technique et de la science. Vers une linguistique de la langue savante ». Wiesbaden : Oscar Brandstetter, 327 p.
- **KOCOUREK, Rostilav (1991 b)** « Textes et termes ». *Méta* 36 (1), pp. 71-76.

- **L'HOMME**, Marie-Claude (2004) « La Terminologie. Principes et Techniques ». Montréal: les presses de l'Université de Montréal, p 278.
- **L'HOMME**, Marie-Claude et al. (2003) “Terminology during the past decade (1994-2004)”. In *Terminology* 9:2, p 151 – 161.
- **LAMBERTI**, Flávia (2003) “Uma interpretação variacionista do empréstimo lingüístico no português do Brasil”. IN: ABREU, S.; FAULSTICH, E. (org.) *Lingüística aplicada à terminologia e à lexicografia*. Porto Alegre: UFRGS, p. 83-97, 2003.
- **MARTINS**, Susana (2004) « Comportamento das siglas e dos acrónimos em textos de economia. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH – UNL.
- **SAGER**, Juan Carlos (1990) « A Practical course in terminology processing? ». Amsterdam / Filadelfia: John Benjamins BV., 254 p.
- **SILVA**, Raquel (2006) « Morphologie de spécialité : regard(s) sur le(s) contexte(s) ». In Actas do Colóquio «Mots, termes et contextes. 7es Journées Scientifiques du Réseau de chercheurs «Lexicologie, Terminologie et Traduction, Agence francophone pour l'enseignement supérieur et la recherche, Bruxelles.
- **SILVEIRA**, Murilo (2008) “Rede de textos científicos. Um estudo sob a ótica da institucionalização da ciência da informação no Brasil”. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas.
- **SLODZIAN**, Monique (2000) « L'émergence d'une terminologie textuelle ». In *Le sens en terminologie*. Ph. THOIRON et H. BEJOINT, éd. Lyon : Presses universitaires de Lyon (Travaux du C.R.T.T.), p. 61-85.
- **THOIRON**, Philippe, **ARNAUD**, Pierre, **BEJOINT**, Henri, **BOISSON**, Claude Pierre (1996), “Notion d'archi-concept' et dénomination”, *Meta* XLI/4, 512-524. [em linha]. [acedido em 13-10-2009] Disponível na www: URL < <http://www.erudit.org/revue/meta/1996/v41/n4/004486ar.pdf>
- **VAN CAMPENHOUDT**, Marc (2006) « Que nous reste-t-il de Eugen Wüster ? ». Colloque international Eugen Wüster et la terminologie de l'Ecole de Vienne, Paris, 3-4 février 2006.
- **WÜSTER**, Eugen (1979) « Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und Terminologische Lexikographie, Viena: Springer [Tradução castelhana: (1998) Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica ». M. T. Cabré (ed.). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra].

B. Literatura especializada na área da Terapêutica Anti-Retrovítica

- **ANTUNES**, Francisco et al. (2004) “Manual sobre SIDA”. Portugal: Permanyer.
- **ARSHAD**, Saarah; **ROTHBERG**, Michael; **RASTEGAR**, Darius A, **SPOONER**, Linda M (2009) “Survey of physician knowledge regarding antiretroviral medication in hospitalizes HIV – infected patients” [em linha]. [consultado a 01 – 02 - 2010] Disponível na www: < URL <http://www.jiasociety.org/content/pdf/1758-2652-12-1.pdf>
- **Coordenação Nacional para a Infecção VIH - SIDA (2008)** “Boas práticas de farmácia hospitalar no âmbito da infecção VIH / sida” [em linha]. [consultado em 20 / 03 / 2009] Disponível na www: < URL <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/39696AEC-1D39-44FA-959B-ABFACC2A504E/0/ManualFarmaciaHospitalar.pdf>
- **Coordenação Nacional para a Infecção VIH - SIDA (2009)** “Recomendações portuguesas para o tratamento da infecção VIH / sida” [em linha]. [consultado em 12 – 12 - 2009] disponível na www: < URL <http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/030A05A2-12E7-4710-832D-BCE84E17C93B/0/i006008.pdf>
- **Coordenação Nacional para a Infecção VIH-SIDA (2007)** “Programa Nacional de Prevenção e Controlo da Infecção VIH / sida. 2007 – 2010. Um compromisso com o futuro”. Lisboa: C.N.I.VIH-SIDA. ISBN 978-972-8478-18-6.
- **GRMEK**, Mirko (1994) “História da SIDA”. Lisboa: Relógio d’Água.

ANEXOS

ANEXO 1 – Proposta de tipologia de variantes de Faulstich (1998 : 7 -8)

Grupo I - VARIANTES TERMINOLÓGICAS LINGÜÍSTICAS

São aquelas cujo fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação.

Para classificar as variantes terminológicas lingüísticas, obedecemos aos seguintes princípios.

- a) a interpretação semântica é a base para análise do termo;
- b) as unidades terminológicas complexas (UTCs) são analisadas sob o ponto de vista funcional;
- c) os subsistemas da língua portuguesa constituem o fundo lingüístico de análise;
- d) os usos escrito e oral dos termos são levados em conta.

As variantes terminológicas lingüísticas classificam-se como:

1. **variante terminológica fonológica**, em que o registro pode surgir de formas decalcadas da fala, como *agoa de frol*, em relação à *água de flor*, termo da área de temperos, e *queygo* em relação a *queijo* na culinária arcaica.
2. **variante terminológica morfológica**, a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere, como em *porrada* e *porreta*. A variação atua nos formantes do termo, no caso nos sufixos *-ada* e *-eta*, ambos indicando comida em que entram alhos porros.
3. **variante terminológica sintática**, em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma UTC, como *aguoa de frol cõ almísquer* e *aguoa de cheiro almíscada*, na linguagem da culinária arcaica. Neste caso, a variação se processa na substituição de uma parte do item lexical por outro com estrutura semelhante, formando uma mesma unidade terminológica.
4. **variante terminológica lexical**, em que algum item da estrutura lexical da UTC sofre apagamento ou movimento de posição, mas o conceito do termo não se altera, como em *ovos com crara e gemas batidas*, *ovos batidos cõ crara e jema*, *gemas dos ovos batidos com a crara*, *ovos gemas* e *craras tudo batido*, da área de culinária. O movimento na posição dos elementos de predicação não perturba nem o significado, nem a compreensão, porque a base preserva o conceito inerente ao termo naquele contexto.
5. **variante terminológica gráfica**, a que se apresenta sob forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua, como *manteiga*, *mãtejgua* e *manteyguas*^{xviii} e *receita*, *receyta*, *rreceyta*. Este tipo de variação decorre da forma escrita do termo.

Grupo II - VARIANTES TERMINOLÓGICAS DE REGISTRO

São aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos.

Para classificar as variantes terminológicas de registro, obedecemos aos seguintes princípios:

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;
- b) os termos pertencem à variedade socioprofissional;
- c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;
- d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou com menor grau de formalismo, que tratam do mesmo assunto;
- e) os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;
- f) os usos escrito e oral são levados em conta.

As variantes terminológicas de registro classificam-se como:

1. **variante terminológica geográfica**, aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer ou de polarização de comunidades lingüísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influências que cada região sofreu durante sua formação. Serve de exemplo o termo *sertãxix*, da área de utensílios de culinária. O termo *sertã* é praticamente ignorado no Brasil, que utiliza *frigideira*, em lugar daquele.

2. **variante terminológica de discurso**, a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos. Servem de exemplo i) *onça* e *pucaro*, termos antigos específicos do discurso técnico, da área de medida; ii) *pouquechinho* [*dasafra*], *pouquechinho* [*agua e vinagre*], termos do discurso de vulgarização científica, usados, no séc. XV, nas receitas de cozinha para indicar quantidade. Em lugar de *pouquechinho*, hoje usamos *pitada* [de sal, de açúcar].

3. **variante terminológica temporal**, aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida, por exemplo, o termo, da área da culinária, *adubado* (X) substituído por *temperado* (Y), assim como *pão coito* (X) que cedeu lugar para *biscoito* (Y).

ANEXO 2 – Proposta de classificació formal de variació denominativa (Freixa 2002: 281 - 282)

6.3.6 Proposta de classificació formal completa

La classificació formal completa que proposem és la que obtenim ajuntant els blocs que hem presentat separatament:

	Tipus	Subtipus
I. Canvis gràfics	1. Terme i forma artificial	a) Terme i símbol b) Terme i fórmula química c) Terme i altra forma artificial
	2. Terme i abreviació	d) Terme i sigla e) Terme i abreviatura
	3. Canvi ortogràfic	
II. Canvis morfosintàctics	1. Manteniment de l'estructura	a) Absència / presència d'article
		b) Canvi de nombre
		c) Canvi de preposició
		d) Canvi de gènere
	2. Canvi de l'estructura	e) [N+A] / [N+SP] f) Monolèxic / polilèxic g) Altres canvis d'estructura
III. Reduccions	1. Reduccions de l'extensió	a) Tipus [N+X] = [N] ▪ [N+A] = [N] ▪ [N+SP] = [N] ▪ [N ₁ +N ₂] = [N ₁]
		b) Tipus [N+X+Y] = [N+X] ▪ [N+SP+A] = [N+SP] ▪ [N+A+SP] = [N+A] ▪ [N+A ₁ +A ₂] = [N+A _i] ▪ [N+SP ₁ +SP ₂] = [N+SP ₁]
		c) Altres reduccions de l'extensió
	2. Reduccions de la base	d) [N+A] = [A] _N
		e) [N ₁ +N ₂] = [N ₂]
		f) [N ₁ +SP (de+N ₂)] = [N ₂]
	3. Altres reduccions	
IV. Canvis lèxics	1. Unitats monolèxiques	
	2. Unitats polilèxiques	a) Canvi de base ▪ [N+SP (prep + art + N)] ▪ [N+A] ▪ altres canvis de base

		b) Canvi d'extensió <ul style="list-style-type: none">▪ [N+SP (pre + art + N)]▪ [N+A]▪ altres canvis d'extensió
V. Diversos canvis complexos	1. Amb parentiu formal	a) monolèxic / polilèxic
		b) polilèxic / polilèxic
	2. Sense parentiu formal	c) monolèxic / polilèxic
		d) polilèxic / polilèxic

Taula 58. Proposta de classificació formal completa.

Creiem que aquesta proposta de classificació formal supera les classificacions existents des de diversos punts de vista i que és, sobretot, una proposta satisfactòria per a les nostres dades. Evidentment, però, no hem subdividit fins al mateix nivell tots els tipus de canvis: els tipus més representats en els nostres corpus textuais apareixen amb un nivell de distincions més desenvolupat que aquells menys representats.

ANEXO 3 - Tipologia de variantes de L'Homme (2004: 74-75)

Variation terminologique et synonymie

Variation terminologique et *synonymie* renvoient à des formes différentes utilisées pour un même sens, mais il s'agit de phénomènes distincts.

La variation terminologique concerne les changements qu'un terme subit dans les textes spécialisés. Ces changements sont fonction de son utilisation en contexte linguistique.

La synonymie est un rapport établi entre deux ou plusieurs formes qui ont le même sens et ne touche que les unités déjà reconnues comme termes (une définition plus détaillée de cette relation est donnée au chapitre 3). Lorsqu'il prépare une description terminographique, le terminographe réunit les synonymes dans un même article ou sur une même fiche de terminologie. Cependant, il ne retiendra pas forcément toutes les variations terminologiques. Certaines d'entre elles lui permettront simplement d'acquiescer des connaissances sur un sens.

Enfin, la synonymie engage deux termes appartenant à la même partie du discours alors que la variation terminologique peut entraîner un changement syntaxique, comme on le verra dans cette section.

On conçoit aisément que le repérage des formes variées pour un même sens soit une tâche difficile pour le terminographe, d'autant plus que beaucoup de variations sont imprévisibles. Le problème de la variation terminologique devient central dans un contexte où le terminographe a recours à des traitements automatiques, à savoir des concordanciers ou des extracteurs de termes. Il s'agit pourtant d'un phénomène important qu'il convient de prendre en compte. D'après Jacquemin (2001), près du tiers des occurrences des termes sont des variantes.

Même si la forme de nombreuses variantes est difficile à anticiper avant d'aborder un texte spécialisé, certaines semblent plus régulières et peuvent, par conséquent, faire l'objet d'un repérage. Nous en donnons une liste ci-dessous qui s'inspire de celle donnée dans Daille (1995). D'autres variantes sont propres aux termes complexes et sont répertoriées dans la section suivante.

- a) *Variantes graphiques* : celles-ci se résument à l'ajout d'un signe diacritique, comme un trait d'union (ex. *système expert*, *système-expert*; *carter moteur*, *carter-moteur*) ou une alternance majuscules-minuscules (*Web*, *web*).
- b) *Variantes flexionnelles* : elles regroupent les différentes formes fléchies d'un terme; il peut s'agir également des variations flexionnelles présentes

dans un terme complexe, notamment dans le modificateur (ex. *imprimante à jets d'encre*, *imprimante à jets d'encre*).

- c) *Variantes syntaxiques faibles* : dans certains termes complexes français, la préposition qui sert à rattacher les éléments varie (ex. *siège à bébé*, *siège pour bébé*), dans d'autres, elle est omise (ex. *imprimante à laser*, *imprimante laser*, *moteur à 4 cylindres*, *moteur à 4 cylindres*), enfin, parfois, c'est l'emploi du déterminant qui fluctue (ex. *traitement de parole*, *traitement de la parole*).
- d) *Variantes morphosyntaxiques* : celles-ci font alterner des parties du discours et entraînent des transformations dans les phrases. Des termes simples appartenant à des parties de discours différentes sont utilisés pour véhiculer le même sens ou, encore, un élément dans un terme complexe subit un changement. Le tableau 2.4 présente quelques possibilités de variations morphosyntaxiques en français.

TABLEAU 2.4
Variations morphosyntaxiques

Verbe = adjectif	<i>L'automote peut être programmé</i> = <i>L'automate est programmable</i> <i>un menu qui se déroule</i> = <i>un menu déroulant</i> <i>un fichier qui peut être formaté</i> = <i>un fichier formatable</i> <i>une cause qui ne peut être défendue</i> = <i>une cause indéfendable</i>
Nom = adjectif	<i>dilatation du ventricule</i> = <i>dilatation ventriculaire</i> <i>apauçchement de sang</i> = <i>apauçchement sanguin</i> <i>problème de matériel</i> = <i>problème matériel</i>
Verbe = nom	<i>traiter des données</i> = <i>traitement des données</i> <i>accéder au site Internet</i> = <i>accès au site Internet</i>
Adjectif = nom	<i>les données sont compatibles</i> = <i>la compatibilité des données</i> <i>le bien est durable</i> = <i>la durabilité du bien</i>
Adjectif = adverbe	<i>numérique</i> = <i>numériquement</i> <i>génétique</i> = <i>génétiqnement</i>

Des termes complexes à repérer

Les comportements de certains termes dans la phrase, peu problématiques pour l'humain, présentent des difficultés que les traitements automatiques doivent tenter de contourner. C'est le cas notamment de certains *termes complexes*. Nous avons vu plus haut que de nombreux termes étaient composés de plusieurs unités graphiques et qu'ils avaient, contrairement aux mots composés que l'on recense dans les dictionnaires usuels, un sens com-